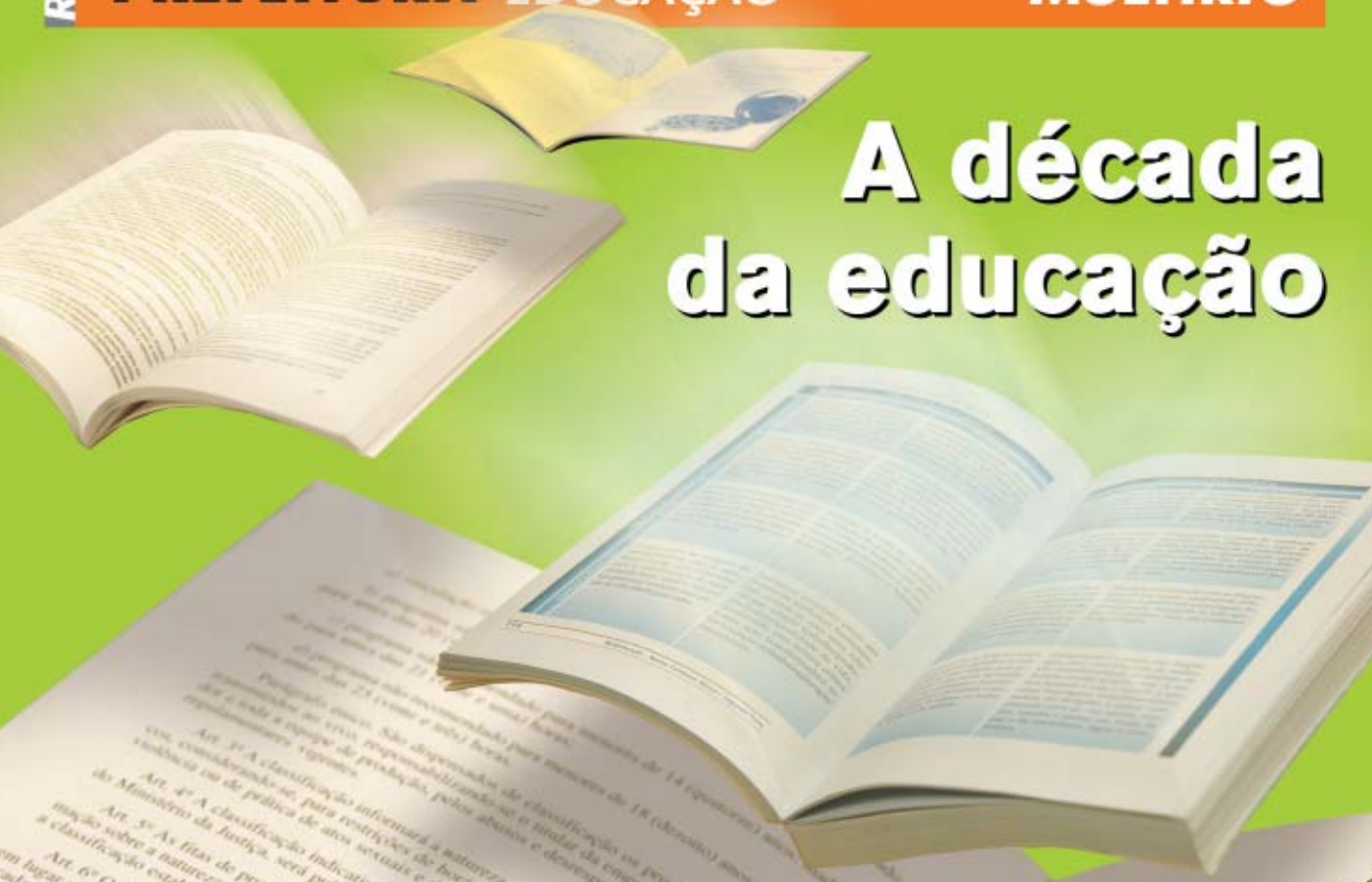


NÓS DA ESCOLA

RIO PREFEITURA EDUCAÇÃO

MULTIRIO

A década da educação



Art. 1º A classificação indicativa dos programas de televisão em função da natureza das diversões e espetáculos públicos, atribuída em portaria do órgão competente do Ministério da Justiça, será publicada no Diário Oficial da União.

Art. 2º As fitas de programação de vídeo deverão exibir, no invólucro, informação sobre a natureza da obra e a faixa etária a que não se recomenda, observada a classificação estabelecida no art. 1º.

Art. 3º Os responsáveis pelas diversões e espetáculos públicos deverão afixar, em lugar visível e de fácil acesso, à entrada do local de exibição, informação detalhada sobre a natureza do espetáculo e a faixa etária especificada na respectiva classificação indicativa.

Art. 4º Nenhum programa de rádio ou de televisão será apresentado sem a portaria em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º O presente Decreto institui o Conselho Nacional de Classificação de Programas de Televisão, de acordo com o disposto no art. 1º da Lei nº 9.212, de 24 de julho de 1991*.

Art. 6º O Conselho Nacional de Classificação de Programas de Televisão instituído pelo presente Decreto, e dá outras providências.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DE EDUCAÇÃO NACIONAL

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996



Prefeitura do Rio

Este investimento vale ouro para a Cidade.



Cesar Maia

Prefeito

Sonia Mograbi

Secretária Municipal de Educação

Regina de Assis

Presidente da MULTIRIO

Marcos Ozório

Diretor de Mídia e Educação

Maria Inês Delorme

Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos e jornalista responsável (MTb. RJ22.642JP)

Marcelo Salerno

Diretor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Katia Chalita

Diretora do Núcleo de Televisão, Rádio e Cinema

Élida Vaz

Assessora de Comunicação e Ouvidora

CONSELHO EDITORIAL

Élida Vaz (Assessora de Comunicação/MULTIRIO) • **Leny Datrino** (Diretora do Departamento Geral de Educação/SME) • **Marcos Ozório** (Diretor da Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Maria Inês Delorme** (Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Martha Neiva Moreira** (Editora/NPI-MULTIRIO) • **Rita Ribes** (Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) • **Silvia Rosalem** (Assessora Especial do Gabinete da Secretária/SME)

CONSELHO DE COLABORADORES

Cláudia Reis (4ª CRE) • **Cristina Campos** (Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Cristina Salvadora Ferreira** (5ª CRE) • **Guilherme F. De A. Degou** (9ª CRE) • **Irinéia Simone Cortes Tourinho** (Assessoria de Integração/MULTIRIO) • **Joelma de Souza Vieira** (8ª CRE) • **Leticia Carvalho Monteiro** (6ª CRE) • **Marcia Elizabeth N. M. Vicent** (7ª CRE) • **Maria Alice Oliveira da Silva** (DGED/SME) • **Maria Teresa L. M. Coelho** (Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Marize Peixoto** (1ª CRE) • **Norma Suely** (10ª CRE) • **Rosilene Adriano Mattos** (2ª CRE) • **Solange Maria Campos** (3ª CRE) • **Sueli Batista** (10ª CRE)

EQUIPE DE PRODUÇÃO

Gerência Pedagógica: **Cristina Campos** e **Joanna Miranda**Gerência de Jornalismo: **Martha Neiva Moreira** (editora) •**Renata Petrocelli** (subeditora) • **Fábio Aranha**, **Carolina Bessa** e**Bete Nogueira** (reportagem) • **César Garcia** (copidesque e revisão)Gerência de Artes Gráficas: **Flavio Carvalho** (gerência) •**Cláudio Gil** (coordenação), **Adriana Simeone**, **Aline Carneiro**, **David Macedo Sá** e **Gustavo Cadar** (designers) • **Vivian Ribeiro** (produção gráfica)**Alberto Jacob Filho** (fotografia)

Impressão: Cidade América Artes Gráfica

Tiragem: 36.500 exemplares





DESENHO DO ALUNO GABRIEL VIEIRA FEITOSA (10 ANOS), 4ª SÉRIE
ESCOLA MUNICIPAL ALAGOAS

4 editorial

5 cartas

6 zoom

O que os professores gostariam de ler nas edições de 2007?

8 ponto e contraponto

Olhar 'ribeirinho' sobre as muitas histórias do Velho Chico

12 pan 2007

O mais alto vó da cidade

14 carioca

Por quem os sinos dobram

17 século XXI

Tecnologia na sala de aula

19 parceria

Uma aposta na criatividade

20 rede fala

Uma proposta de leitura estendida

22 olho mágico

Divertida aula de geografia

24 professor on line

Contas abertas ao público

25 caleidoscópio

Mergulho no conhecimento

26 capa

LDB: 10 anos de conquistas

32 artigo

Multieducação e a persistência transformadora

34 presente do futuro

Goles de dependência e ruína

37 atualidade

Alternativas em transportes

40 pé na estrada

Comunicação como proposta

O passado visto de perto

Tudo começou com um sonho

44 foi assim

Muita história para contar

45 perfil

"Nunca vi forró tão bom..."

48 agenda

49 tudoteca

50 MULTIRIO na TV

Tempo de conquistas

Esta edição faz um balanço dos últimos 10 anos da Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, suas determinações e principais conseqüências, como a inclusão da educação infantil na educação básica; a organização em séries anuais, períodos semestrais ou ciclos; a preocupação com a formação dos professores; e a participação destes na elaboração da proposta pedagógica da escola e nas atividades de articulação das escolas com a família e a comunidade. A revista ouviu acadêmicos e profissionais da Secretaria Municipal de Educação (SME), com o objetivo de traçar um panorama das transformações da educação no Brasil nesse período, com destaque para a cidade do Rio de Janeiro.

Também estamos comemorando os 10 anos de implantação do Núcleo Curricular Básico Multieducação nas escolas da rede pública municipal. Em artigo sobre o tema, a professora Regina de Assis, presidente da MULTIRIO, faz uma avaliação da implementação da proposta ao longo desse tempo.

Aproveitando o Dia da Criança na Mídia, celebrado em dezembro, a revista entrevistou Inácio Ribeiro Neves, coordenador do projeto Cinema no Rio, que leva exhibições audiovisuais às comunidades ribeirinhas do São Francisco.

Os males do alcoolismo entre adolescentes e suas famílias, além de indicações sobre como o assunto pode ser trazido à tona nas salas de aula, estão na seção *Presente do futuro*. Na seção *Atualidade*, um pouco mais sobre o aquecimento global, desta vez, o papel dos combustíveis alternativos na preservação do meio ambiente e o andamento das principais pesquisas relacionadas ao tema. Na seção *Perfil*, as influências de Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, na música popular brasileira e em toda uma nova safra de compositores da MPB.

Tudo isso e o relato de experiências educacionais interessantes, desenvolvidas por escolas da rede pública municipal. Não perca.



Sonia Mograbi
Secretária municipal de Educação

Fique por dentro de tudo que a MULTIRIO faz pra você

Cadastre seu e-mail e receba semanalmente Notícias MULTIRIO

Final feliz no Japão

Mudanças climáticas no Século XXI

Accesse www.multirio.rj.gov.br ou ligue para 2528-8282

Matemática com arte

Encaminhei a NÓS DA ESCOLA material sobre o projeto Etnomatemática – Abrangência nos Ensinos de Artes e Matemática, desenvolvido na Escola Municipal Levy Miranda. Ficou faltando dizer que o trabalho foi apresentado na Semana de Matemática da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Luciana Guimarães Rodrigues de Lima Professora de artes visuais da Escola Municipal Levy Miranda, Pavuna (6ª CRE)

- Aí está o registro. NÓS DA ESCOLA agradece o envio do projeto e parabeniza escola e professores pelo trabalho desenvolvido.

Produção de alunos

Gostaria de ver publicadas algumas redações feitas em sala de aula por nossos alunos. O objetivo é valorizar as

atividades realizadas por eles e elevar a sua auto-estima, através de uma pequena amostragem da criatividade e capacidade que demonstraram durante a execução da proposta.

Denise de Almeida Jardim Professora de língua portuguesa da Escola Municipal Emilio Carlos, Guadalupe (8ª CRE)

- Os textos podem ser enviados a NÓS DA ESCOLA, no endereço: Largo dos Leões, 15, 9º andar, sala 908, Humaitá, Rio de Janeiro, RJ, CEP: 22260-210. Ou ainda pelo endereço eletrônico multirio_dpub@rio.rj.gov.br.

Correção

Diferentemente do que está afirmado na matéria "Desafio para a Humanidade", da seção *Atualidade*, edição 43 de NÓS DA ESCOLA, o Protocolo de Kyoto não foi assinado em 2005. Foi aberto para

assinaturas em 1997 e, em julho de 2001, 178 países subscreveram o acordo, regulamentando a sua implementação. O Protocolo entrou em vigor em 16 de fevereiro de 2005. Apesar do número maior de assinaturas, somente 141 países o ratificaram, entre eles o Brasil, que o fez em 2002.

De aluno para professor

Mestre, professor e educador. A missão de ensinar a lição está traçada no mapa da sua mão. Em tudo o que faço, você é responsável pelo grande passo que dou. Eu nunca vou me esquecer de você e sei que jamais você se esquecerá de mim. Parabéns pelo seu dia. Desejo muita paz, com muita gratidão pela nobre lição.

Homenagem de Anne Caroline Barbosa de Paula Lima, aluna da 8ª série da Escola Municipal Santo Tomás de Aquino, Leme, (2ª CRE).

Professor e professora: a MULTIRIO preparou um presente de Natal especial, para você, seus alunos e suas famílias.



MATINTA PERERA
quarto episódio da série **JURO QUE VI**

Em dezembro, na Band e na Net
Verifique datas e horários de exibição em www.multirio.rj.gov.br

ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande *e-mail* para multirio_dpub@rio.rj.gov.br

Para colaborar com a seção *Rede Fala* envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite o nosso *site*: www.multirio.rj.gov.br

O que os professores gostaria

No mês de dezembro muita gente começa a traçar metas para o próximo ano. É hora de pensar no que já foi realizado e de desejar o que há de melhor para o futuro. NÓS DA ESCOLA abriu espaço para que os professores pudessem opinar sobre o que gostariam de ler nas edições de 2007: novas seções, assuntos não ainda pautados e até entrevistas com personalidades interessantes do meio acadêmico e cultural. Educadores da rede municipal de ensino soltaram a imaginação e deram as suas sugestões. Confira a seguir.

Ana Maria Lins, professora-regente, E. M. D. Pedro I, Barra da Tijuca, 7^a CRE

– Trabalho muito em sala de aula com as diversas mídias. Por isso, gostaria que fossem feitas matérias que tratassem de experiências desse tipo. O uso da imagem propicia uma abordagem transdisciplinar. Sou professora de francês e resolvi mostrar um vídeo sobre Maria Antonieta. Usei também uma revista semanal que falava desta personagem histórica. Na Europa, a figura dela está em alta e há muitos livros publicados com a sua biografia. Abordando esse tema, eu também acabo falando um pouco de história.



Antônio Veríssimo dos Santos Júnior, professor-regente, E. M. Leonor Coelho Pereira, Penha, 4^a CRE

– Gostaria de ver algumas matérias com trabalhos de professores sobre a diversidade cultural. Na verdade, experiências que mostrem como trabalhar e ressaltar a percepção dos alunos sobre o mundo e sua realidade. É importante ter acesso e compreender o conhecimento das classes populares, que é de onde vem a maioria dos nossos alunos. É importante tratar os estudantes como produtores de conhecimento.



Renata Brandão, professora-regente, E. M. Rosa da Fonseca, Vila Militar, 8^a CRE

– Gostaria muito de ver uma matéria sobre propostas de atividades que pudessem discutir a violência no cotidiano. Falo de violência escolar ou familiar, em que aluno agride o professor, em que pais fazem o mesmo com os filhos e até de agressões entre alunos. Seria interessante enfocar como o professor deve trabalhar essa questão na sala de aula. Poderia até ter



depoimentos de psicólogos para mostrar como o professor deve se portar diante de um fato assim, além de também explicar como as reuniões de pais e professores devem ser conduzidas quando tratarem do tema. Além disso, gostaria de ver uma coluna sobre filosofia e um artigo sobre a história do Rio de Janeiro para ser trabalhado em sala com os alunos.

Eliana Hackbart, coordenadora pedagógica, E. M. Narbal Fontes, Ricardo de Albuquerque, 6^a CRE

– Embora o primeiro ciclo já tenha sido implantado, há professores, principalmente de 5^a a 8^a séries do nível fundamental, com pouco conhecimento da experiência. Gostaria que houvesse uma abordagem de currículo e avaliação, novos saberes relativos aos ciclos. Hoje, nós não trabalhamos só objetivos, mas também habilidades. Também seria muito bom mostrar as características de cada faixa etária e por que são agrupadas dentro do mesmo ciclo. Para fechar, poderia ser exposto o trabalho do educador espanhol Miguel Arroyo.



m de ler nas edições de 2007?

Stelamaris Rosa Cabral, professora-regente, Ciep Dr. Nelson Hungria, Paciência, 10ª CRE



– Estamos fazendo grupos de trabalho para definir como a escola pode ajudar no combate à violência. Acho que seria extremamente interessante a revista publicar

uma matéria que falasse sobre esse tema, mostrando experiências que podem contribuir para essa discussão, como a instituição de um horário integral de qualidade e a valorização das artes e do esporte. Além disso, poderiam publicar na revista a história da via férrea que vai da Central do Brasil a Santa Cruz e dos bairros por onde ela passa.

Simone Ferreira Vilela, professora-regente, E. M. Pastor Miranda Pinto, Cachambi, 3ª CRE

– Sou professora de matemática e gostaria muito de ver uma matéria sobre a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas, organizada pelo Ministério da Educação (MEC). Várias escolas da rede municipal do Rio tiveram um bom desempenho. Inclusive, um aluno da nossa escola ganhou medalha de prata no ano passado. Acho que o assunto merece um enfoque especial porque mostra como está o ensino de matemática na Rede e também dá um incentivo especial aos bons alunos.



Marcela Gaio, professora-regente, Ciep Tancredo Neves, Catete, 2ª CRE

– Gostaria de ter mais informações nas seções *Agenda* e *Tudoteca*. Sempre tem algo interessante: um museu para visitar, um passeio para fazer, um livro indicado, um curso, seminário ou palestra para conhecer melhor determinados assuntos. Além disso é sempre bom ler reportagens e entrevistas de colegas de profissão sobre experiências bem-sucedidas em nossa Rede. E, para finalizar, mais uma sugestão: que tal uma seção chamada “Quebrando a cuca” (ou algo parecido), com um desafio sobre temas diversos ou específicos de alguma área (como literatura, artes, ciências naturais etc.) a cada revista? A resposta viria sempre no número subsequente. Assim estaríamos aumentando nossos conhecimentos culturais, incentivando nosso raciocínio e atentos para a chegada da edição seguinte.



TEXTO

CAROLINA BESSA E
RENATA PETROCCELLI

ARTE

ALINE CARNEIRO

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

Roberto Stepheson, professor-regente, E. M. Barão de Santa Margarida, Cosmos, 9ª CRE



– NÓS DA ESCOLA é uma revista que me agrada, pois tem matérias relevantes, é objetiva e apresenta uma boa diagramação. Aproveitando, gostaria de “puxar brasa para minha sardinha” e sugerir que sejam agraciadas mais matérias sobre música e, principalmente, troca de experiências entre educadores musicais, tanto das escolas da rede municipal, como de outras escolas públicas ou mesmo privadas. Sugeriria que os

exemplares também fossem entregues aos alunos da Rede. Abusando mais um pouco, sugiro que sejam entrevistados artistas, tais como Toquinho, Moraes Moreira, Bia Bedran, Chico Buarque, enfim, artistas que na sua trajetória tenham contribuído com a educação.

Olhar ‘ribeirinho’ sobre as muit



Ele fez curso de administração, de teatro, uma pós-graduação em marketing, trabalhou como fotógrafo, teve uma rádio e foi parar nas margens do Rio São Francisco, exibindo filmes para as populações ribeirinhas. Inácio Ribeiro Neves, 49 anos, tem esse perfil multifacetado de quem está sempre inventando algo novo para fazer. Sua empreitada mais recente é o projeto Cinema no Rio, inspirado em outra iniciativa sua, realizada em 1994, de levar cinema a praças públicas da periferia de Belo Horizonte. Sua aposta na linguagem audiovisual como opção cultural tem a ver com a magia que esta forma de contar histórias exerce em cada um de nós, seja na cidade, no campo ou... à beira de um rio. “As pessoas na cidade têm mais possibilidade de acesso às produções culturais do que evidentemente quem mora no interior. Mas isso não faz a menor diferença. Quando exibimos um filme em uma praça de BH ou do interior da Bahia, a reação é a mesma. O cinema encanta a todos em qualquer lugar”.

TEXTO

MARTHA NEIVA MOREIRA

FOTOS

DIVULGAÇÃO

As histórias do Velho Chico

A maioria das entidades no país que se dedicam a levar cultura a populações com dificuldade de acesso a diferentes produções opta pelo livro. Por que você escolheu a linguagem audiovisual?

De fato há muitos grupos tentando alavancar a questão da leitura em lugares remotos do país, o que é fundamental. Mas acho que o cinema não se distancia dessa prática porque, da mesma forma que a leitura, faz com que as pessoas sonhem. A energia é a mesma. E tem outra coisa: mesmo quem ainda não domina a leitura e a escrita pode acompanhar e se deslumbrar com a história contada na tela grande.

Como surgiu o projeto Cinema no Rio?

Eu frequento o São Francisco desde 1977. Quando era garoto ia para o rio pescar e acampar. Lembro que uma vez fui de Pirapora a Sobradinho de vapor... uma experiência inesquecível. Mas o projeto na verdade surgiu da minha vontade de trabalhar com as populações ribeirinhas. Desde 1994, quando comecei a levar o cinema à periferia de BH, esperava uma forma de poder fazer o mesmo para regiões do São Francisco. Só que era difícil imaginar o transporte de uma tela de cinema até essas regiões. Foi quando fui a uma festa de criança e vi um escorregador inflável. Ai pensei em uma tela inflável que pudesse ser dobrada. Achei uma empresa em São Paulo que topou fabricá-la e em 2003 ela ficou pronta. Um ano depois fiz a primeira edição do Cinema no Rio em oito cidades às margens do Chico.

Além da tela, tem uma porção de outros equipamentos...

Pois é, a logística não é fácil. Saimos de BH, vamos até Pirapora e lá dividimos a equipe em duas. Uma vai por terra, em caminhões levando equipamentos, fotógrafos, cinegrafistas, produtores. A outra segue pela água, em um barco. O barco é peça fundamental porque é a garantia de um lugar onde a equipe pode dormir e fazer as refeições em regiões que muitas vezes não tem infra-estrutura alguma. São pelo menos dois meses preparando a viagem e 33 dias percorrendo as cidades.



O barco que acompanha o projeto serve de dormitório e refeitório para a equipe

Como é composta a equipe que desenvolve o projeto?

Este ano, além de produtores, câmeras, jornalistas etc., levamos fotógrafos, dois antropólogos e dois médicos. Eles acompanharam a expedição e hoje temos um material rico tanto de imagens quanto de relatórios de convivência com a população ribeirinha. Esse material será transformado em um livro, que não só contará a história do projeto como também refletirá o olhar ribeirinho sobre o Rio. São mais de 10 mil fotos, além de frases e pensamentos de personagens locais. Pretendemos ainda encaminhar os relatórios dos médicos, que fizeram um levantamento da infra-estrutura de saúde dessas regiões, para alguma instituição que ►



A magia do cinema encanta as comunidades das regiões por onde passa o projeto



A tela inflável foi idéia do próprio Inácio, colocada em prática por uma empresa paulistana

tenha interesse em desenvolver projetos nessa área nas cidades ao longo do São Francisco.

Que critérios são usados para a escolha dos filmes de longa-metragem e documentários exibidos?

Para começar, privilegiamos o filme brasileiro. Depois temos que observar alguns limites em relação aos temas dos filmes. Como a exibição é em praça pública, o material que levamos não pode, por exemplo, conter cenas de sexo, violência, uso de drogas... Outro parâmetro nosso é a idéia de contribuir para que as populações ribeirinhas se reconheçam nos filmes, valorizem sua cultura e sua história. Assim, já levamos filmes que refletem a realidade do interior do país, como *O auto da compadecida*, *Tainá*, *Uma onda no ar*, a série *Juro que vi*, *Narradores de Javé*, *Eu, tu, eles*, *Espelho d'água*, *Uma viagem no Rio São Francisco*...

Não seria bom também levar filmes sobre a temática urbana?

Acho que sim, mas ainda não conseguimos achar filmes que se enquadrem nas limitações de não exibir cenas de sexo, por exemplo.

Você falou da intenção do projeto de valorizar a cultura e a identidade das populações ribeirinhas. O fato de vocês produzirem um minidocumentário local tem a ver com isso?

Claro. Os documentários surgiram em outro projeto nosso, o Cinema nos Trilhos, que tem a mesma proposta, só que para as cidades à

margem da Estrada de Ferro Carajás, no Maranhão. A idéia é que a população se veja na telona, valorize a sua comunidade. Procuramos resgatar um pouco da cultura local, ouvindo as pessoas comuns sobre seus costumes, suas histórias. Existe uma forma de viver que é própria desses lugares – às vezes remotos – que buscamos mostrar. Acho muito bom o projeto tomar essa dimensão de troca. Principalmente porque a população jovem dessas cidades já não dá valor às manifestações culturais locais. Dá para imaginar um grupo “estrangeiro” como o nosso chegar lá e valorizar o que é local: a troca não é maravilhosa só para nós... para eles, também.

De que forma a TV impacta essas populações?

Todo mundo tem TV. Estávamos em São Romão, Minas Gerais, cidade citada no *Grande sertão: veredas*¹, filmando uma senhora que cantarolava cantigas do tempo de menina, quando trabalhava na lavoura. O sobrinho, maravilhado com as câmeras, se aproximou e perguntou se não queríamos filmar a sua banda que “tocava música estrangeira”. Não tenho dúvidas de que o desejo das crianças desses lugares é muito parecido com os das crianças da cidade. Moradores idosos do interior nos contaram como a TV distanciou as pessoas da rua. Disseram que havia o hábito de conversar nas calçadas, mas este papo – a contação de histórias, de “causos” – está acabando porque a partir de uma certa hora as pessoas entram em casa para assistir à programação da TV. Lembro de uma vez, em Ponto Chique, que convidamos algumas pessoas da cidade para fazer uma apresentação da *Dança dos velhos*, uma espécie de batuque com tambores feitos por eles mesmos. Foi uma coisa maravilhosa, me senti um quilombola [escravo negro brasileiro refugiado em quilombos]. Mas os jovens do local não dão valor. Só prestaram atenção e até dançaram junto aos mais velhos quando resolvemos, nós, entrar para dançar também. Quer dizer, só deram valor porque havia gente “estrangeira”, da cidade, achando aquela manifestação sensacional.

Como acontece na prática o projeto?

Chegamos à cidade e fazemos uma oficina para crianças e jovens. Já fizemos de fotografia e este ano houve a de imagem em mo-

vimento, com a colaboração da Patricia Alves, da Animação da MULTIRIO. Enquanto a oficina está acontecendo, outra equipe percorre a região para colher imagens da vida cotidiana e depoimentos de personagens locais para o minidocumentário. Esse material é rapidamente editado e exibido na sessão. Montamos os equipamentos, a tela e preparamos o local para a sessão de cinema. Tudo é gratuito e sempre procuramos usar e remunerar as pessoas locais para fazer a segurança do evento, a montagem dos equipamentos e o mais importante: a pipoca.

E o retorno do público, vocês conversam com as pessoas depois da exibição?

Não há uma conversa formal. Até porque elas são muito tímidas. O retorno aparece ao longo da exibição. Tem sessões em que há uma interatividade grande. As pessoas cantam a música do filme, respondem a alguma situação. Lembro que em *Caminhando nas nuvens* a platéia inteira respondeu ao aboi [canto usado pelos vaqueiros para conduzir a boiada] que um personagem fazia na tela. Em outra ocasião, fomos exibir *Narradores de Javé* na cidade em que ocorreu a filmagem. Um dos personagens, dona Dalva, estava lá, morava no local, e acabou dando depoimento no final da sessão sobre como foi contracenar com o [ator] José Dummont.

A equipe faz algum contato com professores e escolas locais?

Sim. Chamamos os professores para participar das oficinas para que atuem como multiplicadores para outros professores da região. Na pré-produção do projeto, mapeamos com as prefeituras as escolas. Algumas cedem ônibus para trazer alunos e professores, outras liberam mais cedo as crianças para que eles possam assistir ao filme. Há professores que usam o tema do filme em sala de aula. Alguns deles nos mandam cartas pedindo informações ou fazem pedidos à nossa equipe que, sempre e na medida do possível, procuramos atender. No Cinema nos Trilhos há, de fato, um trabalho voltado à formação de professores. A Vale do Rio Doce, que patrocina o projeto, quer que cada vez mais professores atuem como multiplicadores. Para o próximo ano,

estamos trabalhando a possibilidade de deixar instrumentos óticos nas escolas em Carajás.

Nesses três anos de Cinema no Rio e de Cinema nos Trilhos vocês devem ter acumulado histórias para contar. Tem alguma especial?

Lembro de uma vez em que filmamos a casa de um senhor, no Maranhão, para o minidocumentário. Ele era bem idoso e estava passando barro em uma parede. Eu cheguei, me apresentei e pedi permissão para filmarmos. Ele nos contou que iria fazer um fogão de lenha na varanda. Nós ficamos observando durante um bom tempo o trabalho dele. A uma certa hora ele atirou o barro no chão com toda a força, ficou muito nervoso e disse que ninguém nunca havia se preocupado com ele, e que não entendia por que estávamos ali. Aos poucos fui perguntando sobre a vida, a história dele, e ele nos contou que era viúvo e que aquela casa era só para morar. Então o levamos para a sessão de cinema. Ele se viu na tela e, no final, estava falando com as pessoas, dando entrevista para os jornalistas. Quer dizer, este homem teve, acredito eu, uma sensação de pertencimento, de fazer parte de alguma coisa. ■



Durante as exibições, a platéia interage de várias formas

O mais alto vôo da cidade

Em julho do próximo ano, cerca de 5 mil atletas vindos de 42 países estarão reunidos no Rio de Janeiro para o maior evento esportivo da América Latina: a 15ª edição dos Jogos Pan-americanos. O prefeito César Maia ressalta que a iniciativa faz parte de uma estratégia que visa consolidar o Rio de Janeiro como a capital esportiva do Brasil e da América Latina. Em entrevista, ele se mostra otimista quanto ao sucesso do evento e informa que todas as obras a cargo da Prefeitura do Rio – cujo investimento monta a R\$ 2 bilhões – estão dentro do cronograma previsto. Na visão do prefeito, além do legado que o evento deixará em infraestrutura, esporte, turismo, cultura, economia e lazer, a cidade estará pronta para alçar vôos mais altos, como sediar uma Copa do Mundo ou uma Olimpíada.

Como estão os preparativos para os Jogos Pan-americanos?

Está tudo indo muito bem, com todas as obras de responsabilidade da Prefeitura do Rio dentro dos prazos programados. Estamos também com uma agenda propositiva com o governo federal, buscando melhorar ainda mais o nível de serviços dos Jogos.

Qual a sua expectativa?

A melhor possível, inserindo definitivamente a cidade do Rio de Janeiro como a capital esportiva da América Latina.

Qual a importância de o Rio de Janeiro sediar o Pan?

Um megaevento como esse, com um nível de complexidade organizativa só comparável aos Jogos Olímpicos, extrapola a importância esportiva e tem impactos sobre uma série de atividades da cidade. Além do mais, o esporte é considerado hoje o principal segmento da indústria do entretenimento. Estamos trabalhando para aproveitar esta oportunidade e potencializar seus impactos positivos sobre a cidade, seja no turismo, na economia ou na inserção social pelo esporte.

Quais os principais benefícios que o Pan deixará para a cidade?

O legado se estende por vários setores socioeconômicos e culturais não só da cidade, mas também do país. Passa, entre outras vertentes, pelo incremento do setor turístico através da ex-

posição do Rio e do Brasil na mídia internacional; pela incorporação de modernas tecnologias de comunicação e de resultados postos à disposição das competições; pelas novas oportunidades de empregos e negócios vinculados ao esporte; pela integração cultural com os países participantes da competição e, sobretudo, pela potencialização da inclusão social pelo esporte, trabalho este já desenvolvido pela Prefeitura do Rio através das Vilas Olímpicas. Apenas na área do desenvolvimento urbano, cabe destacar o impacto da construção do Estádio João Havelange na região do Grande Méier. Ele está tirando o bairro de uma estagnação de décadas, provocando a dinamização de diversas atividades, entre elas a construção civil, que começa a se desenvolver na região. Isso terá um efeito contaminador para os bairros vizinhos, trazendo novos investimentos e desenvolvimento.

Que benefícios o Pan trará para o esporte brasileiro?

O esporte é o maior beneficiário dos Jogos. Estamos construindo, de uma só vez, um verdadeiro parque olímpico em nossa cidade. O estádio Olímpico João Havelange será o único no Brasil homologado pela Federação Internacional de Atletismo com o nível AA, o máximo concedido pela entidade. A Cidade dos Esportes, onde está sendo construída uma arena multiuso para 15 mil pessoas, totalmente automatizada e refrigerada, juntamente com o único velódromo coberto da América Latina e o maior parque aquático do

TEXTO

FABIO ARANHA

FOTO

ELIANE CARVALHO

Brasil, será uma referência internacional para competições esportivas. Poderemos finalmente oferecer aos atletas brasileiros uma infra-estrutura que possibilitará transformá-los em atletas de alto rendimento sem a necessidade de treinar em outros países.

Como a rede municipal de ensino se insere no contexto do Pan?

O tema dos Jogos, o seu significado, a integração com os países do nosso continente já estão sendo trabalhados nas salas de aula das escolas municipais. Para 2007, o ano do Pan, este trabalho será intensificado. Um dos projetos estabelece um vínculo entre as escolas com o nome dos países participantes e as respectivas delegações, com visitas dos atletas desses países às escolas. A exemplo do trabalho desenvolvido pelas Vilas Olímpicas da Prefeitura, o que gostaria de destacar é que este novo parque esportivo da cidade será posto à disposição de nossos alunos para que eles possam desenvolver seus talentos esportivos e, quem sabe, se tornarem os campeões do amanhã.

Qual o impacto para o turismo da cidade?

Segundo estudos, o impacto desses mega-eventos sobre o turismo da cidade se estende por anos. O aumento da rede hoteleira da cidade em função dos Jogos já é uma realidade. Temos que saber aproveitar a exposição da cidade nas mídias nacionais e internacionais, sobretudo do continente americano, antes, durante e depois da realização dos Jogos. Estão sendo esperados 4 mil profissionais da mídia para cobrir os Jogos. Estamos trabalhando para que eles tenham a melhor impressão possível da cidade e possam multiplicar esta percepção em seus respectivos meios de comunicação.

A preparação do Pan credencia o Brasil e o Rio a alçarem vãos mais altos, como sediar uma copa do mundo ou uma olimpíada?

A realização dos Jogos de 2007 se insere dentro da estratégia de consolidar o Rio de Janeiro como a capital esportiva não só do Brasil como da América Latina. O Rio de Janeiro é um grande centro esportivo a céu aberto. Em suas praças, praias, lagoas e montanhas são praticadas inúmeras modalidades esportivas. É uma vocação natural da cidade. Entendendo o esporte como o principal segmento da indústria do entretenimento, vamos aproveitar esta vocação natural e nos profissionalizarmos visando potencializar os benefícios dos eventos esportivos para a cidade. Um dos legados do Pan é a capacitação de nossos técnicos no planejamento e na organização de grandes eventos esportivos. É um *know-how* que não tínhamos. Portanto, a Copa do Mundo, as Olimpíadas e outros grandes eventos esportivos se encaixam perfeitamente nesse figurino de cidade esportiva, capazes de deixar um legado para além do esporte e beneficiar tanto a sociedade carioca quanto a brasileira. ■



meras modalidades esportivas. É uma vocação natural da cidade. Entendendo o esporte como o principal segmento da indústria do entretenimento, vamos aproveitar esta vocação natural e nos profissionalizarmos visando potencializar os benefícios dos eventos esportivos para a cidade. Um dos legados do Pan é a capacitação de nossos técnicos no planejamento e na organização de grandes eventos esportivos. É um *know-how* que não tínhamos. Portanto, a Copa do Mundo, as Olimpíadas e outros grandes eventos esportivos se encaixam perfeitamente nesse figurino de cidade esportiva, capazes de deixar um legado para além do esporte e beneficiar tanto a sociedade carioca quanto a brasileira. ■

Por quem os sinos dobram

Crenças à parte, igrejas do Rio perpetuam importantes marcos históricos e arquitetônicos da cidade



Preciosidade barroca: a Igreja Venerável da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência é toda folheada a ouro

Do nascimento da cidade ao fim da era imperial, relíquias, peças mobiliárias e restos mortais repousam entre o silêncio de imagens de santos e o badalar dos sinos que anunciam, todos os dias, que a vida continua. O Centro abriga o maior número de igrejas, e algumas são as próprias estrelas, por terem testemunhado os rituais da corte imperial. Não por acaso, a maioria delas é patrimônio tombado. Que elas contem suas histórias:

“Do alto do Morro, vi a cidade se urbanizar”. Assim começa o relato do Convento de Santo Antonio, estabelecido na cidade no início do século XVII para abrigar os franciscanos que tinham a evangelização como principal missão na nova terra. Destacando-se no Largo da Carioca, o mosteiro e as duas igrejas contíguas continuam imponentes, apesar dos espigões que surgiram no seu entorno. As obras foram

concluídas em 1616 e 1620. A igreja mantém ainda o estilo barroco do século XVII, mas a fachada assumiu o estilo neocolonial.

“Em 1592 chegaram os franciscanos, que aceitaram ficar no então Morro do Carmo. Era uma época difícil, o lugar era insalubre e ‘longe’ da movimentação da cidade. Os frades exigiram que se abrisse a Rua da Vala, atual Uruguaiana, para ligá-los à cidade. A pedra fundamental foi lançada em 1608. Aos meus pés, surgiu o Largo da Carioca, onde ficava o primeiro chafariz da cidade, que levava o mesmo nome. As lavadeiras iam até lá utilizar a água da fonte, canalizada desde o Aqueduto da Carioca – que abastecia a cidade –, passando pelo terreno do convento até o Chafariz da Carioca – onde até hoje sou testemunha de moradores de rua que lá se juntam, aos sábados, para tomarem banho.” Do aqueduto, sobra-

TEXTO

BETE NOGUEIRA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

ram os Arcos da Lapa e um pedaço dentro do terreno dos frades, de cerca de 10 metros.

“Minhas histórias são sobre o povo, mas há também episódios políticos e até um sobrenatural. Vocês sabiam que Santo Antonio fez carreira militar?” Pois é, de tão encantadora que é a cidade, o povo testemunhou pelo menos por duas vezes o Rio ser defendido por “seres celestes”. Reza a lenda que na luta dos portugueses contra a invasão francesa em 1565 houve quem visse São Sebastião, que em vida foi soldado romano, juntar-se aos portugueses e defender a cidade que passou a ter seu nome. Depois, em 1710, Santo Antonio foi tirado, pelo povo, do “conforto” da Igreja e colocado sobre o muro do convento. E mais uma vez os invasores franceses foram enotados. E daí surgiu um episódio sensacional que mostra como a vida às margens da Baía de Guanabara corria bem diferente, misturando crenças, fantasias e cotidiano: Santo Antonio ingressou na carreira militar, alcançou patentes e recebeu soldo pago pelo Tesouro Real pelos serviços prestados em defesa da cidade. Esse dinheiro foi revertido para as obras assistenciais mantidas pelos franciscanos. Além do soldo, Dom João passou o bastão de comando, em 1814, ao Tenente-Coronel Santo Antônio.

“Mas a minha participação nos rumos políticos aconteceram em outros momentos”, retoma a fala o convento. “Havia frades que eram amigos pessoais de D. Pedro I, como o Frei Francisco Teresa Sampaio, em cuja cela foi redigida a Carta do Dia do Fico, em 1821.”

Quando em 1821 D. Pedro hesitava entre obedecer às Cortes de Portugal e voltar ao país ou permanecer no Brasil, Frei Sampaio não poupou esforços para convencê-lo a ficar. Elaborou o célebre manifesto do povo, que aos 9 de janeiro de 1822 o levou em grande

passeata cívica até ao Palácio, pedindo que permanecesse no Brasil. Depois de lê-lo, D. Pedro dirigiu-se a José Clemente e proferiu a histórica frase: “Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto: digam ao povo que fico”.

A versão do convento é confirmada pelo frei Róger Brunório, que é museólogo, e acrescenta que o mausoléu local reflete essa ligação com o governo: os restos mortais da imperatriz Leopoldina ficaram lá até 1954, quando foram transferidos para o Museu do Ipiranga, em São Paulo. Lá foram sepultados os príncipes filhos de D. Pedro I e II.

O local ainda abrigou Arquivo Nacional de 1885 a 1901 e aquartelou o 7º Batalhão de Infantaria do Exército em 1855. Desde o início, o Convento de Santo Antônio foi um centro de estudos e de cultura, posteriormente transformado em universidade de Teologia e Filosofia, que funcionou até o século XIX.

Confrarias e realeza – Muitas igrejas foram construídas por associações de leigos: as ordens terceiras e as irmandades¹. Ao lado da igreja conventual de Santo Antonio, foi edificada a Igreja Venerável da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, toda folheada a ouro; no teto, pinturas do artista plástico português Caetano da Costa Coelho. Foram as primeiras em perspectiva no Brasil, ressalta o frade franciscano. Enquanto o estilo da igreja conventual é o barroco nacional português (primeira fase do barroco no Brasil), na da Ordem Terceira prevalece o barroco joanino. Nesta última, há entalhes de Manuel de Brito e Francisco Xavier de Brito, que foram mestres de Aleijadinho.

Outra igreja contígua à sua “gêmea” conventual é a da Ordem Terceira do Carmo, colada à Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Antiga Sé. Na Ordem Terceira, destacam-se as talhas da capela e do altar-mor, atribuídas a Luís da Fonseca, tendo como discípulo Mestre Valentim.

“Vi homens serem coroados”. Quem pode bater a façanha desta outra testemunha da história da cidade, localizada na Praça XV? A pomposa frase sairia da Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Antiga Sé, se suas paredes

SERVIÇO

- Igreja do Mosteiro de Santo Antônio – Largo da Carioca, s/nº – Centro. www.franciscanos.org.br. Visitas guiadas pelos telefones 2262-0129 e 2262-1201. Ao lado, funciona o Museu de Arte Sacra, na Igreja da Ordem 3ª. Das 9 às 12h e 13 às 16h, R\$ 2.
- Igreja Nossa Senhora do Carmo da Antiga Sé – Rua Primeiro de Março, esquina com Rua Sete de Setembro – Praça XV.
- Igreja Nossa Senhora da Glória do Outeiro – Praça Nº 5ª da Glória, 135 – Glória. www.outeirodagloria.org.br
- Igreja dos Capuchinhos – Rua Haddock Lobo, 266 – Tijuca.
- Igreja da Lampadosa – Av. Passos, 15 – Centro.
Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos – Rua Uruguaiana, 77 – Centro
- Igreja do Mosteiro de São Bento – Rua Dom Gerardo, 68 – Praça Mauá. www.osb.org.br
- Igreja da Candelária – Praça PioX, s/nº – Centro.
- Igreja de São Francisco de Paula – Largo de São Francisco, s/nº – Centro.

1Irmandade – Confraria ou associação de caráter religioso, presente no Brasil desde a colonização.

Irmandades de fins devocionais – Objetivo: devoção e atividades beneficentes exclusivas aos confrades e suas famílias.

Irmandades de fins culturais – Principal finalidade: culto ao santo patrono.

Ordens Terceiras – Associações de fiéis leigos que se inspiram na regra de uma ordem religiosa, que vive em comunidade, com regras disciplinares e religiosas bem determinadas.



Vitral nos Capuchinhos reproduz lenda da luta de Estácio de Sá ao lado de S. Sebastião

de três séculos ganhassem voz. Além das coroações, lá também foi batizada a princesa Isabel. Antes igreja conventual, Dom João VI a transformou em capela real. Atualmente, o local passa por reforma.

Outra que foi palco de rituais da família real foi a Igreja da Nossa Senhora da Glória do Outeiro, onde foram batizados a princesa Dona Maria da Glória, primogênita de D. João VI, e D. Pedro II. “Meu prestígio só cresceu com a

Também valem uma visita

Dois monumentos à eternidade: o Mosteiro de São Bento, pacientemente construído por dois séculos, e a Igreja da Candelária, que não perdeu a imponência apesar de todas as mudanças ocorridas na cidade. O Mosteiro de São Bento começou a ser levantado no século XVI e, apesar dos diferentes construtores que passaram por lá, manteve uniformidade graças a uma regra: a tarefa só era destinada a beneditinos. A austeridade externa contrasta com a riqueza artística de seu interior. Algumas partes só podem ser visitadas por homens, mas a missa das 10 horas de domingo é tradicional. Além de se regalar com a arte e beleza de sua igreja, o visitante acompanha o também secular canto gregoriano dos monges.

A Igreja da Candelária nasceu de uma promessa feita por um casal de espanhóis, para que seu navio chegasse a salvo de um naufrágio. E cumpriram o juramento de erguer uma igreja em homenagem a Nossa Senhora. Barroca por fora e neoclássica por dentro, ela foi construída de frente para o mar, dando a impressão, hoje, de estar de costas para a cidade. Na verdade, ela sobreviveu às transformações do prefeito Pereira Passos, quando o Centro foi modernizado e abriu-se a Avenida Presidente Vargas. Continuando como uma igreja central, ela hoje é referência para reuniões populares e de cidadania, tornando-se um símbolo que ultrapassa o limite religioso.

Seguindo a tradicional arquitetura portuguesa, a Igreja de São Francisco de Paula existe há dois séculos. Tem capelas assinadas por Mestre Valentim e Manoel da Cunha, um escravo que, graças ao seu talento, recebeu o suficiente para, ao fim dos trabalhos, comprar sua alforria.

chegada da Corte Portuguesa, em 1808, e continua ainda hoje, pela minha beleza e local privilegiado”. A construção como a conhecemos hoje, uma das jóias da arquitetura colonial portuguesa, é de 1739, mas já em 1670 existia uma ermida, construída por um devoto, e que era um ponto de referência aos navegantes que entravam na Baía de Guanabara. No local funciona o Museu Mauro Ribeiro Viegas, com acervo de mil peças entre objetos usados na liturgia católica, muitas delas ofertadas pela família real, além de pinturas, tendo como destaque a tela Vista do Outeiro da Glória, de Bertichen, de 1846.

Onde jaz o fundador – A Igreja de São Sebastião, dos frades capuchinhos, construída em 1928 em estilo neobizantino, “herdou” a imagem do padroeiro da cidade que ficava na igreja de mesmo nome destruída quando houve o desmanche do Morro do Castelo. De lá também veio uma relíquia das origens da nossa cidade: os restos mortais do fundador, Estácio de Sá, morto em 1583. Além de sua lápide tumular, lá está o marco inaugural do Rio.

Além das páginas dos livros, outras figuras históricas podem ainda ser reverenciadas nesses lugares sagrados. “Foi olhando para o meu altar que Tiradentes questionou os poderes da Terra e dos céus, durante sua última missa antes de seguir para o enforcamento, em 21 de abril de 1792”, relembra a Igreja de Nossa Senhora da Lampadosa.

Perto dali, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, há os restos mortais do Mestre Valentim de Almeida, o importante entalhador e escultor que tem, entre suas obras, o Chafariz da Praça XV, a capela do noviciado da Ordem Terceira do Carmo e de São Francisco de Paula. A irmandade do Rosário tem uma história de luta por um espaço decente para os negros exercerem sua religiosidade e promoveu movimentos de luta contra a escravidão e pela recuperação da cultura negra. “Somos um dos precursores do Carnaval, por causa da restauração da festa e cortejo do Rei do Congo, no século XIX. Danças e desfiles que levaram para a festa que aí está, para todos”, atesta, com alegria, a Igreja do Rosário. ■

Tecnologia na sala de aula

Uso de mídias na escola marca nova edição da Mostra Século XX1 no Planetário da Cidade



Os professores apresentaram os projetos selecionados durante o 2º Encontro Internacional Rio Mídia, realizado em outubro no Planetário da Cidade

O uso de mídias e tecnologia em sala de aula foi a tônica da Mostra de Projetos Século XX1, realizada em outubro durante o II Encontro Internacional Rio Mídia, no Planetário da Cidade. Originalmente, as quatro iniciativas mais relevantes seriam apresentadas ao público. No entanto, devido à qualidade dos trabalhos, sete projetos fizeram parte da seleção final, incluindo uma menção honrosa. “Os professores estão investigando cada vez mais as suas práticas, buscando novas mídias e inventando outras possibilidades”, destaca a coordenadora do Programa Século XX1, Wânia Clemente.

O projeto É Tempo de Educar: Convergindo Mídias, Produzindo Cidadania, elaborado pelo professor Vitor Nunes Caetano no PET José Emygdio de Oliveira, do bairro de Oswaldo Cruz, recebeu menção honrosa. O professor, cujos trabalhos vêm sendo seguidamente selecionados para a Mostra, utilizou a tecnologia para montar com seus alunos *sites*, jornais impressos e eletrônicos e programas de rádio gravados em CD ou disponíveis na internet por

*podcasting*¹. O projeto MPB na Animação, desenvolvido pela professora Cássia Cilene Moura no Ciep Dr. Adão Pereira Nunes, de Irajá, em parceria com o Anima Mundi, permitiu que os estudantes conhecessem melhor técnicas de animação e a linguagem cinematográfica. O produto final do projeto, um curta animado baseado na CHAVE Samba do Site Século XX1, foi exibido ao fim da Mostra.

Para a professora Laurentina Gomes, responsável pelo projeto Lendas II, no Núcleo de Artes Grécia, da Vila da Penha, a utilização da mídia em sala de aula favorece o desenvolvimento de muitos aspectos cognitivos, mas a interação é a chave de todo o processo. “Não basta o professor utilizar a mídia como enfeite, o aluno precisa manipular, dar sugestões e executar sua própria mídia”, opina. Ela assu-▶

¹Forma de publicação de programas de áudio, vídeo ou fotos pela internet que permite aos usuários acompanhar a sua atualização. A palavra é uma junção de *iPod*, aparelho que reproduz arquivos digitais em MP3, e *broadcasting* (transmissão de rádio ou TV).

TEXTO

IVAN KASAHARA E LUÍS ALBERTO PRADO, REPÓRTER E REDATOR-EDITOR DO PROGRAMA SÉCULO XX1

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

me que também aprendeu ao longo do projeto, pois não sabia utilizar *softwares* de animação. “Acho que todo professor deveria experimentar o uso das novas tecnologias. Alguns podem não gostar, mas a maioria vai descobrir novas possibilidades”, defende. Os alunos de Laurentina criaram animações sobre lendas com personagens como Curupira, Sereia, Chupa-cabra, Bicho-papão e outros, com direito a trilha sonora e narração.

Educação crítica – O professor Luiz Cláudio Lima, à frente das oficinas de vídeo do Núcleo de Artes Grécia e responsável pelo projeto Identidade Brasil, afirma que o objetivo de seu trabalho é buscar uma reflexão sobre a contribuição que a linguagem audiovisual pode oferecer para uma educação mais crítica. “Com a oficina de vídeo, o aluno não é apenas espectador, é também criador e crítico”, argumenta.

Além do uso de mídias diversas no projeto Nosso Folclore, a professora Maria Amália de Araújo, do Ciep Presidente Agostinho Neto, do Humaitá, destaca a participação das famílias das crianças. “O trabalho nasceu dos dados que vieram das casas deles. Trouxemos a realidade de suas famílias para dentro da sala de aula”. No Nosso Folclore, crianças da 3ª série realizaram pesquisas e entrevistas com suas famílias, reunindo material sobre o folclore brasileiro. Percebeu-se que, além de morarem em áreas de alto risco, como Rocinha, Vidigal e Ladeira dos Tabajaras, todos os alunos fazem parte da primeira ou segunda geração de migrantes nordestinos no Rio de Janeiro. A partir dessas semelhanças, a turma conheceu lendas, cantigas, brincadeiras, costumes e pratos típicos, e desenvolveu animações, ilustrações, textos e áudio. Tudo isso foi reunido em um *software* educativo e interativo. Para a professora, o tema central do projeto é, mais do que o folclore, a valorização da produção de cada aluno e a importância do trabalho cooperativo.

Ao coordenar a produção de um curta-metragem sobre adolescência e drogas com seus alunos na oficina de artes cênicas do Ciep Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda, do bairro de Senador Vasconcelos, a professora Janaína Roussef percebeu que os jovens haviam aprendido a negociar idéias, a expor dúvidas, argumentar e receber críticas. Ela utili-

zou a televisão como alternativa para despertar neles o interesse pela arte, escrita e pesquisa. “Através do projeto, conseguimos contemplar as artes cênicas com tecnologia”, diz. Os alunos foram responsáveis por todos os passos e um dos momentos mais difíceis foi a elaboração do roteiro, pois muitos não têm o hábito da leitura.

Diversidade em discussão – A importância do papel do professor e as potencialidades do uso de tecnologias em sala de aula ficaram evidentes mais uma vez durante a apresentação do projeto Lendas Folclóricas, da professora Maria Paula de Oliveira, da Escola Municipal Charles A. Weaver, de Coelho Neto.

Pela primeira vez à frente de uma turma de progressão, Maria Paula encontrou dificuldades diante da heterogeneidade dos alunos. Havia crianças entre 9 e 14 anos, algumas ainda não-alfabetizadas, com deficiência visual e auditiva, faltosas ou com desvio de conduta. O clima de violência que cercava a escola também era intenso. Ela recorreu às lendas populares para refletir a diversidade. Encontraram, por exemplo, relações entre o Curupira e a deficiência, o Saci-Pererê e os negros, a lara e a cultura afro e o Boto e a sexualidade. Foram produzidas animações e programas para a rádio escolar.

“O resultado fez com que uma turma discriminada aprendesse a respeitar as diferenças”, constata Maria Paula. A professora fez uma autocrítica ao reconhecer que reviu seu processo pedagógico ao conviver com turma tão diversa. “Ao quebrar barreiras, vi-me estimulada a repensar minhas práticas em sala de aula”, admite.

Curiosa e coincidentemente, todos os projetos selecionados foram ao encontro do tema do II Encontro Rio Mídia, Narrativas e Mídia para Crianças e Adolescentes. A utilização da mídia para renovar o ambiente escolar e permitir que os alunos expressem suas idéias e sejam co-autores do conhecimento é alternativa viável para melhorar a qualidade do ensino.

Os sete projetos e outros 21 trabalhos estão disponíveis, permanentemente, na Mostra Virtual Século XX1, no site www.multirio.rj.gov.br/seculo21. Além de mais informações sobre os projetos, o espaço oferece *chats* entre professores e um *blog* para que a troca de idéias e experiências seja constante. ■

Uma aposta na criatividade

Ouvir os anseios da população carioca é o primeiro passo nos programas da Obra Social do Rio

Há cinco anos, um lema orienta todos os projetos desenvolvidos pela Obra Social do Rio de Janeiro, que leva às áreas mais carentes da cidade cultura, educação, cursos de capacitação profissional e acesso a uma alimentação saudável e balanceada. “Acreditamos que todo dia é dia de começar uma vida nova”, afirma Mariangeles Maia, presidente da instituição. Em 2006, muitos programas ajudaram a mudar para melhor a vida de milhares de cariocas atendidos. Para 2007, o plano é avançar ainda mais na oferta de oportunidades para a população, a partir de uma perspectiva inclusiva, voltada para a família, o jovem, a criança e o idoso. A seguir, você confere os principais resultados do trabalho, realizado com a ajuda de vários parceiros, entre empresas e instituições. Para obter mais informações sobre os programas e conhecer com mais profundidade seus objetivos, acesse o *site* da Obra Social (www.obrasocial-rj.org.br).

Atendimento às comunidades – É o núcleo do trabalho da Obra Social, origem dos demais, e consiste em atender às solicitações das comunidades, encaminhadas através de reuniões com seus representantes. Registrou durante o ano de 2006 um aumento de 100 áreas, atendendo atualmente a 400 comunidades. Cerca de 5,5 mil crianças e jovens visitaram a Casa Julieta de Serpa, o Zoológico, o Pão de Açúcar e a Cidade das Crianças. É através do Rio de Alegrias, palco que vai até as comunidades, que o programa mais se aproxima delas, o que é fundamental para a qualidade do atendimento. Até setembro, o Rio de Alegrias percorreu 90 comunidades, com público de 8.828 pessoas.

• **Casas de capacitação profissional** – Oferecem cursos profissionalizantes a cidadãos a partir dos 16 anos, que podem aprender ofícios como os de cabeleireiro, manicure e pedicure, costureiro, cuidadores de idosos, educadores para creches, camareiros, garçons e reparadores de eletrodomésticos,

entre outros. Os alunos têm a seu dispor todo o material necessário às aulas e atuam em ambientes que reproduzem cozinhas, salões de cabeleireiro, restaurantes, bares e quartos de hotéis. Até setembro, as 10 Casas do programa capacitaram 26.898 alunos.

• **Crianças e jovens** – Com o objetivo de oferecer alternativas de inserção social e fortalecimento da auto-estima de jovens entre sete e 17 anos, o programa oferece atividades artísticas, literárias, musicais e físicas. Pelas oficinas já passaram 13.578 alunos.

• **Cozinheiras comunitárias** – São 23 unidades em diferentes pontos, que servem, cada uma, 200 refeições por dia, entre as 5h e as 7h. São servidos suco, café com leite, pão e manteiga, carne, legumes, arroz, feijão, fruta ou doce, que podem ser consumidos no local ou levados em quentinhas. Já foram servidas 2.744.784 refeições. Este ano, a soja foi incluída no cardápio, após pesquisa e desenvolvimento de opções de novos pratos. O programa foi apontado como exemplo de sucesso pelo Ministério de Desenvolvimento Social.

• **Convivência e lazer para idosos** – Em quatro endereços, os cariocas acima de 60 anos têm acesso a diversas atividades de cultura, lazer e saúde, como aulas de yoga, alongamento, unibiótica e danças, karaokê, palestras e oficinas. Desde 2002, já foram realizados 306.263 atendimentos.

• **Creches Sempre Vida** – O programa apóia 20 creches da Prefeitura do Rio, que acolhem 2.120 crianças de três meses a quatro anos de idade. Voluntários realizam palestras para pais e recreadores em áreas como odontologia, psicologia, dermatologia, pediatria e nutrição. Nas datas festivas, as crianças recebem doações de brinquedos e roupas. No Natal, por exemplo, cada uma ganha uma sacola com um brinquedo, uma roupa e um calçado novos. ■

TEXTO

MARIANGELES MAIA E EQUIPE
DA OBRA SOCIAL DA CIDADE
DO RIO DE JANEIRO

Uma proposta de leitura estendida

O projeto O Texto e a Bola, desenvolvido em duas turmas de 5ª série, na Escola Municipal Joaquim da Silva Gomes, é conseqüência da busca incessante de estratégias de leitura baseadas em uma concepção dialógica da linguagem que enfatiza a interação do aluno/leitor através da valorização de seu trabalho interpretativo e visa ao seu desenvolvimento e emancipação como receptor de textos.

Para muitos educandos a escola constitui o único espaço em que alunos podem se transformar em leitores e exercer o papel de cidadãos, alcançando as habilidades que os levam a “acessar os bens culturais, integrar-se ao mercado de trabalho e adquirir autonomia política”¹. Assim o ambiente escolar tem a sua função redimensionada e o professor passa de mero apresentador de palavras escritas a negociador de sentidos, já que deve valorizar o significado que o aluno atribui ao texto (o que implica, segundo Pondé, reconhecer e respeitar sua história de vida e seu universo de leitura).

O problema é que como o universo de estudantes oriundos de comunidades carentes, com histórico de reprovações anteriores, é sempre muito limitado, sua expectativa de produção de significados também é limitada. Talvez seja esse o grande entrave à manifestação de sua fala a partir de um processo de desapropriação e apropriação da fala do outro ou dos outros.

Por acreditar na riqueza de experiências dos alunos, desenvolvi uma didática de leitura que viesse ao encontro dos seus interesses e paixões, sem deixar de apostar na contribuição da literatura para superar o silêncio, através de uma pedagogia lúdica que transformasse o texto literário em matriz propulsora de diferentes discursos. A justificativa do projeto foi a necessidade de acentuar as potencialidades do aluno/leitor, ampliando o diálogo entre o autor e as possíveis produções favorecidas pela obra literária, com a intermediação do professor, da comunidade escolar e de outras entidades participantes do universo dos estudantes.

Assim, um texto pôde ser lido paulatina e comunitariamente, não se fechando em si mesmo nem mantendo a unidirecionalidade autor-leitor, já que a leitura sempre foi compartilhada com os

elementos envolvidos no processo, num movimento de ir e vir, tal como em um jogo de futebol em que jogadores de um mesmo time se transformam em parceiros. Trata-se do que neste primeiro momento chamo de leitura estendida, que mais adiante ganhará outra concepção.

Essa metáfora do jogo motivou a escolha do livro *Uma história de futebol*², de José Roberto Torero, cuja história gira em torno da vida de Pelé quando criança. O objetivo principal foi levar os alunos a ler o livro de forma estendida, explorando a associação entre imagens do mundo extratexto, bem como o movimento lingüístico da narração.

O texto de Torero facilita a compreensão da diferença entre narrador e autor, uma vez que logo no início da narrativa fica claro que é Zuza, amigo de Pelé, quem conduz a história ocorrida em 1950. Essa marcação explícita do tempo mostrou que o autor criou um personagem/narrador com características diferentes das suas, já que nessa época ele nem nascido era e não poderia narrar a vida de Pelé. Assim, ficou mais fácil compreender que quem a contava não era o autor, e isso deu margem à elaboração de histórias com narradores cujos perfis destoavam do perfil do aluno.

Como o diagnóstico inicial das turmas revelou desconhecimento das estratégias mais básicas da língua escrita (como a noção de limite de página em um texto em prosa), transformei a página do caderno em um campo de futebol cujos limites deveriam ser respeitados. Com o campo ao fundo, ganhou destaque a história produzida. Outra atividade desse tipo foi o desenho de uma bola dentro da qual os alunos escreveram uma poesia relacionando futebol e sonho. A partir dessas dinâmicas, pude trabalhar a diferença entre texto em prosa e em verso.

A escola só dispunha de 20 exemplares do livro escolhido, o que já seria motivo suficiente para inviabilizar o trabalho, já que o número de alunos era bem maior. Mas foi justamente em

¹PONDÉ, G. "Estudos da linguagem na educação". *Anais do V Congresso da Assel-Rio*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1995. p. 63.

²TORERO, J. R. *Uma história de futebol*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.



Ângela Marina Bravin dos Santos
Professora da E. M. Joaquim da Silva Gomes (10ª CRE). Doutora em língua portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

função desse problema que surgiu a idéia do segundo sentido de leitura estendida: leitura prolongada no tempo. Como não havia livros para todos, estipulei um dia da semana para a leitura de apenas um capítulo da obra. Nesses dias, a turma era dividida em dois grupos, cada um com 20 crianças aproximadamente, permitindo, portanto, o acesso de todos os alunos ao livro, que no final da aula era devolvido ao professor. Dessa forma, a história estendeu-se por três meses: março, abril e maio de 2006.

Os capítulos foram lidos comunitariamente, ou seja: professor e estudantes liam o texto trocando informações que a cada aula eram retomadas para se transformarem em matrizes das atividades didáticas. Além disso, algumas ações do espaço fictício, como a realização de um campeonato, serviram de matriz para situações concretas do cotidiano escolar: os alunos realizaram um campeonato entre as duas turmas envolvidas no projeto. Afim de intensificar a relação entre narrativa e realidade, convidei um famoso jogador de futebol para ouvir não só a história

de Roberto Torero, mas também as que foram produzidas pelas crianças, estendendo, assim, a leitura a um universo extra-escola.

A avaliação igualmente estendeu-se no tempo e no intercâmbio com outras pessoas. O projeto ultrapassou o espaço da sala de aula e durante todo o período de sua execução a comunidade escolar e os pais estiveram a par do trabalho que se desenvolvia. Os objetivos ficaram muito claros, o que permitiu estendê-los à comunidade escolar e reavaliá-los à medida que o processo se estendia, para adaptar as atividades a seu ritmo.

Esses procedimentos demonstraram que a concepção de leitura estendida não é utópica justamente porque o intercâmbio paulatino entre os diferentes segmentos da escola e da sociedade possibilitou a inserção de elementos avaliativos no decorrer das leituras, implicando mudança positiva, embora sutil, no comportamento dos estudantes, no processo de desapropriação e apropriação da fala do outro ou dos outros. ■



Que tal montar ou atualizar a videoteca da sua escola com produtos da **MULTIRIO** premiados no Brasil e no exterior?

Ligue 2528-8282 e faça o seu pedido.

*Para escolher o que deseja, consulte o Catálogo de Produtos disponível na sala de leitura da sua escola ou o acesse o nosso portal (www.multirio.rj.gov.br). As cópias em VHS serão entregues diretamente na sua escola.
* Os produtos adquiridos pela MULTIRIO estão disponíveis para empréstimo nas salas de leitura pólo. Consulte a relação no portal MULTIRIO.

Divertida aula de geografia

Segunda fase do programa 'Aventuras Cariocas' é dedicada ao espaço urbano do Rio de Janeiro



Gúti Fraga e os atores-mirins da série *Aventuras Cariocas* já percorreram diversos pontos da cidade do Rio de Janeiro nas gravações do programa

A aventura está prestes a recomeçar. Já estão sendo gravados os sete episódios que compõem a nova temporada da série *Aventuras Cariocas*, programa dedicado ao desbravamento do Rio de Janeiro. Há muitas novidades para quem quiser embarcar nas expedições da nova fase, que deve ir ao ar no início do ano letivo de 2007. Na primeira temporada, dedicada aos diferentes ecossistemas encontrados na cidade, os telespectadores conheceram florestas, mangues, restingas, praias, lagoas e outros exemplos da privilegiada natureza carioca. Na nova fase, os temas serão as características geográficas e culturais das diferentes regiões da cidade. O foco será a ocupação urbana do Rio de Janeiro, a transformação da paisagem nestes quase 500 anos de história e o impacto dessa transformação na cultura da metrópole carioca.

Acompanhados de um adulto, cinco jovens atores, entre 10 e 15 anos de idade, percorrem os bairros do Rio, explorando suas características sociais, culturais e geográficas. O programa é narrado em *off*, cada vez por um jovem diferente,

que lembra a experiência, conta o que aprendeu e elabora questões sobre os conhecimentos adquiridos. Cada episódio explorará uma região da cidade. A trupe do *Aventuras* se guiará por um mapa da cidade, percorrendo o trajeto que vai do bairro da Urca até a Praça Mauá; ou seguindo o percurso do Rio Maracanã, desde sua nascente, no Alto da Boa Vista, até desaguar no Canal do Mangue, passando por Tijuca, Maracanã e São Cristóvão. Nossos aventureiros explorarão ainda a Zona Sul, incluindo o Cristo Redentor e toda a orla, do Leme ao Leblon. Essas são apenas algumas das novas aventuras que estão sendo preparadas.

Apoio a professores – A primeira temporada do *Aventuras Cariocas* conquistou prêmios internacionais importantes. O episódio “Lagoas” ficou em primeiro lugar na categoria Não-ficção para a faixa etária de 12 a 15 anos na segunda edição do festival de televisão infantil Prix Jeunesse Ibero-americano, realizado no Chile em 2005. Já o episódio “Manguezal” re-

TEXTO

FÁBIO ARANHA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

cebeu menção honrosa na categoria Educação ambiental no Ecocine 2004, realizado na cidade de São Sebastião, São Paulo. Para o consultor de conteúdo do programa, o geógrafo Ronaldo Amaral, o *Aventuras Cariocas* representa um apoio valioso ao trabalho do professor. “O programa mostra que a geografia não precisa estar somente no conteúdo de sala de aula. Ela está na rua, no campo, na cidade, na paisagem. Ela pode ser vivida e isso é muito legal”, ressalta.

O programa aborda conteúdos de geografia: localização, orientação, produção do espaço geográfico, problemas urbanos das cidades brasileiras, para citar apenas alguns exemplos. Para Ronaldo, apesar de ser voltado mais para o ensino fundamental, o *Aventuras* também é relevante para os alunos do ensino médio. “Para esses alunos, o programa apresenta temas que podem ser discutidos e aprofundados em sala de aula. E sempre de uma forma leve e divertida. É uma aventura que fala de coisas importantes a qual convidamos os telespectadores a compartilhar conosco”, comemora.

Elenco entrosado – Segundo o diretor Alexandre Monteiro, a segunda fase do programa mostrará a variedade de espaços que compõem o Rio. “O espaço físico da cidade influenciou muito na forma como ela foi ocupada e se organizou. O telespectador descobrirá isso junto com os meninos, porque o grande *barato* do programa é que os atores realmente vivem a experiência das situações apresentadas e estão envolvidos no que está acontecendo. O êxito do programa depende muito disso”, explica, acrescentando que o *Aventuras Cariocas* tem sido muito elogiado por professores e alunos.

Na nova temporada, o ator Gúti Fraga interpreta o Tio Zé, único adulto do elenco, que guia as crianças e adolescentes nas aventuras pela Cidade Maravilhosa. Gúti, que dirige o grupo teatral Nós do Morro, afirma que a didática do programa torna os conteúdos bem mais fáceis de aprender. “Aprende-se com prazer. Isso é o que seduz os alunos. Acredito que o prazer que temos de fazer o programa e a química do elenco contaminam o público. Trabalhar com essas crianças para mim é uma facilidade muito grande. A gente descobre em determinado momento que, independentemente da idade, temos objetivos comuns. É uma troca muito rica. Aprendo muito com eles e acho que eles também aprendem comigo”, comenta.

Aprendizagem e diversão – Na opinião dos jovens atores do *Aventuras Cariocas*, o programa é uma oportunidade de aprender e de partilhar esse aprendizado com outras pessoas. “Faço coisas novas, aprendo com elas e posso passar tudo o que aprendo de uma forma diferente para quem assiste ao programa. Espero que nessa temporada a gente se divirta e conheça lugares novos”, diz Juliana Poda, 15 anos, que além de fazer o *Aventuras*, cursa o 2º ano do ensino médio.

Gabriel Duarte, de 13, acha que o entrosamento do elenco é muito grande, o que torna a experiência da fazer o programa ainda mais agradável. “O pessoal é muito colado, todo mundo brinca com todo mundo. Quem assistir ao programa vai conhecer muitos lugares do Rio nessa nova temporada e aprender muita coisa”, promete o aluno da 7ª série do ensino fundamental. ■



As praias cariocas são alguns dos cenários que têm lugar garantido nas aventuras dos jovens desbravadores da cidade

Contas abertas ao público

Lançado pela Prefeitura, aplicativo Rio Transparente aumenta no carioca o sentido de cidadania

TEXTO

BETE NOGUEIRA

Se até em condomínios às vezes pairam dúvidas sobre a lisura de como é utilizado o dinheiro alheio, imagine em uma administração pública – ainda mais em uma cidade com mais de 11 milhões de habitantes. Pois a Prefeitura do Rio, através da Controladoria Geral, resolveu “abrir o livro”, criando o aplicativo *on line* Rio Transparente.

Lançado em setembro deste ano, o serviço permite aos cariocas acompanhar a execução orçamentária das repartições, além de fiscalizar a forma como o dinheiro é aplicado. Compras, contratação de obras, pagamentos de salários, despesas de cada órgão da administração direta ou indireta: está tudo lá, a um clique dos usuários. E em caso de dúvidas sobre valores apresentados em execuções orçamentárias e financeiras, o cidadão pode procurar esclarecimento no respectivo setor municipal.

Como a intenção é a participação da sociedade no controle dos gastos, a consulta é simples e de fácil navegação, não exigindo senhas ou outros meios restritivos. Um glossário auxilia a entender termos do “economês” que à primeira vista poderiam desanimar leigos (*veja abaixo*).

A consulta está dividida em dois tópicos: Aplicações diretas e Transferência de recursos. A primeira refere-se a despesas realizadas di-

retamente pela unidade orçamentária, dos créditos a ela alocados ou originárias da descentralização de outras entidades. Pode-se ainda pesquisar pelo tipo de despesa que se procura ou pelo órgão executor.

Na segunda opção, estão informações sobre despesas realizadas por transferências de recursos financeiros dos órgãos e entidades pertencentes à União, Estado ou instituições privadas.

Preservação do patrimônio – A Controladoria Geral da Prefeitura do Rio atua na defesa do patrimônio público municipal, e uma das formas de alcançar esse objetivo é tornando públicas as informações sobre como e onde são aplicados os recursos. O órgão também acolhe denúncias do contribuinte sobre a adesão dos setores governamentais às políticas e programas traçados pelo governo, com vistas à preservação patrimonial e promove a avaliação constante das ações do Poder Executivo.

A expectativa é de que esse novo serviço contribua para o bom desempenho da administração municipal e que os dados consolidados de programas de governo permitam aprimorar os estudos necessários à gestão. ■

SAIBA MAIS

Endereço da página do Rio Transparente:
www7.rio.rj.gov.br/riotransparente

Para desvendar o ‘economês’

Alguns termos utilizados em economia e contabilidade que constam no glossário do Rio Transparente:

Arrendamento mercantil – Despesas de locação, com opção de compra ao final do contrato (*leasing*) de equipamentos, bens móveis e veículos.

Despesa empenhada – Primeira fase da despesa, que é o ato da autoridade competente que cria para o Estado obrigação de pagamento.

Gestão tesouro – Parcela de recursos previstos no Orçamento Geral do Estado para os órgãos da Administração Direta, sendo a principal gestão desses órgãos.

Meta – É a especificação e a quantificação física dos objetivos estabelecidos para um determinado período.

Obrigações patronais – Despesas com encargos e pagamento de pessoal, tais como: Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS); contribuições para institutos de

previdência; salário família de pessoal temporário ou comissionado sem vínculo com o Estado.

Precatório – Despesas decorrentes de sentenças judiciais, de pagamento obrigatório.

Principal da dívida por contrato – Despesas com a amortização da dívida pública interna e externa efetivamente contratada e parcelamento de dívidas reconhecidas junto a órgãos federais.

Recursos vinculados – Valores relativos a depósitos e cauções, depósitos judiciais e outros depósitos prestados pelo Estado, exigidos em vinculações de contrato ou conversões para garantias de operações especiais.

Reserva de contingência – Dotação destinada à cobertura de créditos adicionais, ou seja, autorização de despesas não computadas ou insuficientemente dotadas na lei de orçamento.

Mergulho no conhecimento

MULTIRIO lança textos inéditos para compor coletânea dirigida aos professores da rede municipal

Dando continuidade ao trabalho iniciado em 2004, com a publicação do *Caderno do Professor* – fichário com 24 textos para auxiliar a formação continuada dos educadores –, a MULTIRIO está lançando cinco novas fichas, escritas por profissionais da Secretaria Municipal de Educação (SME).

Para a equipe da SME e da MULTIRIO, responsável pela edição e produção gráfica da publicação, o objetivo é que cada um dos textos possibilite um mergulho nas diferentes áreas do conhecimento de modo integrado com os princípios e valores da Multieducação. Baseando-se nisso, os temas desenvolvidos são: inclusão, educação infantil, registros e planejamento.

O material será distribuído no início do ano que vem para todos os professores de educação infantil e ensino fundamental lotados em unidades escolares, núcleos de extensão, salas de leitura-pólo e CREs.

Contemplando diferentes áreas do conhecimento, o *Caderno* tem a leitura e a escrita como aportes para a apropriação e ampliação dos saberes, promovendo um enriquecimento sobre os assuntos abordados.



É fundamental que todos os professores conheçam e reflitam sobre temas que à primeira vista estão distantes da sua área de atuação. Desta forma, é possível promover um trabalho mais integrado e interdisciplinar. ■

Os temas já publicados

- Linguagem e escola
- A língua mãe
- Questões de linguagem
- Linguagem escrita
- Educomunicação
- O que é leitura?
- Leitura e produção de significados na escola
- Falar, ler e escrever
- A escola organizada por ciclos de formação
- Avaliar para quê?
- Organização do trabalho pedagógico
- Organização do trabalho pedagógico na educação infantil
- A escola como lugar de desenvolvimento e aprendizagem
- Matemática
- Concepções sobre o ensino da história na escola fundamental
- Repensando o ensino da geografia: algumas idéias
- O método científico e a alfabetização científica no ensino – aprendizagem de ciências
- Ensino de língua portuguesa: contradições e possibilidades
- Educação física
- Ensino religioso: uma área do conhecimento para a formação do cidadão
- O ensino de línguas estrangeiras nas escolas da Prefeitura do Rio
- A arte

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

LDB: 10 anos de conquistas

Faz 10 anos que o Brasil ganhou a sua mais recente Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Passado o tempo, se vê que conquistas significativas foram alcançadas na área, mas ainda há muito que caminhar. A comunidade acadêmica é unânime no que diz respeito à sua abrangência, em relação à lei anterior, de 1971. Um dos pontos mais aplaudidos é o da inclusão da educação infantil como etapa da educação básica, necessária e imprescindível ao processo pedagógico. Nas escolas da rede pública da cidade do Rio de Janeiro, muitas mudanças se anteciparam à própria lei maior da educação e hoje estão consolidadas. Aliás, a Multieducação, o núcleo curricular adotado no município, também está comemorando uma década.

A LDB é uma lei complementar que regulamenta a Constituição Federal na área de educação.

Depois de promulgada a lei maior do país, em outubro de 1988, iniciou-se um processo de discussão de uma legislação atualizada para o meio educacional. Após debates com representantes de entidades da sociedade civil, audiências públicas com profissionais de educação e discussões acaloradas, foi aprovada na Câmara dos Deputados e encaminhada ao Senado uma proposta para discussão em meados de 1993. Três

anos depois, superados os debates sobre um projeto encabeçado pelo então deputado Florestan Fernandes e outro encaminhado pelo senador Darcy Ribeiro, o projeto do senador saiu vitorioso. A nova LDB estava estruturada e passou a ser conhecida como Lei Darcy Ribeiro.

“A LDB é produto da luta política na sociedade civil e bastante significativa em relação ao seu conteúdo. Traduz o que a Constituição falava de forma genérica”, explica o ex-presidente da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e ex-conselheiro da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CNE) entre 1996 e 2004, Carlos Roberto Jamil Cury. Mas o educador ressalta que a redação do projeto foi feita às pressas, porque era importante homenagear o professor

Darcy Ribeiro ainda em vida (o senador acabou morrendo dois meses depois da publicação da LDB). Ele lembra que nestes 10 anos foram feitas 11 alterações à Lei e dentro delas 24 mudanças.

A atual conselheira e vice-presidente da Câmara de Educação Básica do CNE, Maria Beatriz Luce, acredita que a LDB consolidou e aprofundou o direito dos cidadãos à educação e o dever do poder público de garantir o ensino gratuito e o padrão de qualidade conquistados com a Constituição. Entretanto, ela considera que muitas propostas dos grupos majoritários articulados no Fórum em De-



fesa da Escola Pública na Constituinte e na LDB foram derrotadas. “Foi um processo longo, descontínuo e com muitos momentos obscuros. Dentre as postulações que acabaram ficando de fora, cuja falta já foi comprovada, estão: a obrigatoriedade ou pelo menos a garantia da oferta do ensino médio, mais garantias para a educação infantil e a laicidade [que exclui a Igreja] da educação pública”, enumera Maria Beatriz.

Mesmo considerando a legislação ultrapassada e de certa forma controvertida no nascedouro, os educadores entendem que era preciso atualizar as metas para a educação. A LDB anterior é de 1971 e incluía a obrigatoriedade da profissionalização em todos os cursos do antigo 2º grau, implicando a valorização da área tecnológica em detrimento da de humanidades. Nem sequer vislumbrava um capítulo para a educação infantil. Só aí a “nova” LDB já representa alguns avanços, o primeiro deles, na opinião de Cury, o fato de ter definido a educação básica em três etapas sucessivas e articuladas entre si: a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio.

Pioneirismo da SME – Essa mudança também é comemorada pela equipe da Secretaria Municipal de Educação (SME), principalmente porque estabelece o período de creche entre zero e três anos de idade e o da pré-escola entre quatro e seis. Segundo a secretária Sônia Mograbi, a rede municipal de ensino se antecipou na questão quando todas as crianças a partir de quatro anos de idade passaram a ser atendidas pela SME. Antes as creches eram mantidas pela Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS). A modificação ocorreu ainda na primeira gestão do prefeito Cesar Maia, de 1993 a 1996, antes mesmo da publicação da LDB.



“Outro fato importante, que não é propriamente da LDB, mas não deixa de ser quando fala em cuidar e educar, nos levou a desenvolver na gestão de 2001 todo um planejamento para incorporar e passar as creches públicas para o âmbito da Secretaria. A expectativa era ir formando um quadro próprio de professores para creches”, recorda a secretária.

As ações mais significativas implementadas pela pasta da Educação desde o início foram a preocupação com ▶

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



o material utilizado com as crianças, a realização de seminários para a qualificação dos profissionais de creche, a organização do espaço físico dentro de uma perspectiva pedagógica, a constituição de bibliotecas, a participação dos gestores em seminários e cursos e também a realização de congressos de especialistas em educação infantil com um representante de cada creche e de cada pré-escola. Graças à supervisão da SME, as creches passaram a integrar o sistema de ensino e suas atividades ganharam viés pedagógico. Hoje 210 creches e 1.055 escolas, grande parte delas com educação infantil, atendem a 19,9 mil crianças entre zero e três anos e 11 meses e 95,6 mil crianças entre quatro e cinco anos e 11 meses.

No entendimento de Maria Beatriz, a inclusão das três etapas à educação básica foi orientada pela formação comum indispensável ao exercício da cidadania e ao progresso no trabalho e nos estudos posteriores. Embora estabeleça uma idade ideal para cada série da educação básica, a LDB abole a restrição dos sete aos 14

anos para o segmento. Agora, as creches estão incluídas no sistema e atendem a crianças a partir dos três meses de idade. Além disso, a escola não exclui quem não estudou. Alunos que não tiveram a oportunidade de frequentar as salas de aula no tempo próprio ou interromperam os estudos podem retomá-lo. E aí entra a educação de jovens e adultos. A Prefeitura do Rio oferece esta opção a partir dos 14 anos completos, sem limite máximo de idade, em mais de 110 escolas da Rede, para mais de 27 mil alunos. A secretária de Educação costuma dizer que se antes a educação contemplava alunos dos sete aos 14 hoje essa faixa vai do zero aos oitenta anos de idade.

A inclusão fica consolidada quando se sabe que um dos capítulos da LDB mais sensíveis, o que trata da educação regular de alunos portadores de necessidades especiais, está plenamente atendido pela Rede. É uma atividade de grande importância social, que contribui para o desenvolvimento de crianças e jovens que não haviam tido a possibilidade de conviver dentro

Lei em constante aperfeiçoamento

Desde que foi publicada, em 23 de dezembro de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) já sofreu alterações por meio de decretos e leis. Essas modificações abrangem os diferentes segmentos da educação básica e a educação superior, além de incluir especificações para algumas disciplinas. Uma das mais significativas alterações é sobre o aumento de anos do ensino fundamental.

O artigo 32 da LDB especifica agora que o ensino fundamental gratuito na escola pública passa a ter nove anos e não mais oito, iniciando-se aos seis anos de idade. Além disso, estabelece alguns itens sobre a capacidade de aprender. O parágrafo primeiro informa ainda que é facultado aos sistemas de ensino desdobrar o ensino fundamental em ciclos; que os estabelecimentos que utilizam progressão regular por série podem adotar no ensino fundamental o regime de progressão continuada, sem prejuízo da avaliação do processo de ensino-aprendizagem, observadas as normas do respectivo sistema de ensino. Já o parágrafo 3º foi incluído na Lei e especifica que o ensino fundamental será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização das suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem. O quarto parágrafo informa que o ensino fundamental será presencial, e o ensino a distância, utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais. Essa nova redação está prevista pela Lei nº 11.274 de 2006.

Por sua vez, o artigo 6º da LDB teve mudança de redação pela Lei nº 11.114 de 2005, que altera de sete para seis anos a idade obrigatória para que pais ou responsáveis façam a matrícula dos menores no ensino fundamental. Isso é complementado no artigo 87, que institui a Década da Educação, de dezembro de 1997 a dezembro de 2007. O parágrafo 2º estabelece que o poder público deve recensear os educandos no ensino fundamental, com especial atenção a partir de seis anos de idade. Os itens do inciso I do parágrafo 3º são revogados, sendo que o primeiro passa a vigorar da seguinte maneira: "matricular todos os educandos a partir de seis anos de idade no ensino fundamental".

No que se refere ao ensino religioso, a LDB também tem modificações significativas feitas pela Lei 9.475 de 22 de julho de 1997, que assegura o respeito à diversidade cultural religiosa no Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo, e complementa que os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores. Além disso, será ouvida entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso.

No artigo 12 foi incluído o inciso VIII, segundo o qual os estabelecimentos de ensino terão a incumbência de

de uma turma regular. A SME já adotava a prática antes de 1996 e hoje acolhe cerca de 8 mil estudantes portadores de necessidades educacionais especiais. A secretária reconhece que nem todos estão nas classes regulares, já que cada caso é objeto de análise. Embora a política da SME seja priorizar a inclusão das crianças em classes regulares, há escolas especiais que oferecem vagas àqueles que, por alguma razão, não puderam frequentar turmas regulares.

Nove anos desde 1999 – Este ano a LDB sofreu uma das alterações consideradas mais significativas pelo meio educacional. A Lei nº 11.274/2006 torna obrigatório o ensino fundamental com nove anos de duração, com matrícula a partir dos seis anos de idade. Antes, o aluno concluiu essa etapa em oito anos. A modificação já estava prevista no Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172/2001) e, apesar de muitas escolas ainda engatinharem nessa reestruturação, a rede municipal de ensino já está familiarizada com as mudanças. “O Conselho Municipal de Educação



Músculos de Artes

deu parecer sobre os nove anos de ensino fundamental em 1999. Acho importante que o acesso ao ensino se dê cada vez mais cedo”, diz a diretora do Departamento de Regularização Escolar da secretaria, Ana Cezar. Desde aquela época, o ensino fundamental na rede de ensino do Rio já durava nove anos.

Ainda em relação ao tempo de estudo, outros artigos da LDB são destacados, como o que definiu o período de aulas em 200 dias letivos, com carga horária mínima de quatro horas diárias. ►

“notificar ao Conselho Tutelar do Município, ao juiz competente da Comarca e ao respectivo representante do Ministério Público a relação de alunos que apresentem quantidade de faltas acima de 50% do percentual permitido por lei. A inclusão vem com a Lei nº 10.287 de 20 de setembro de 2001.

Um dado importante é sobre a não obrigatoriedade das aulas de educação física nos seguintes casos: quando o aluno cumpre jornada de trabalho igual ou superior a seis horas, quando é maior de 30 anos, quando estiver prestando serviço militar inicial ou, em situação similar, estiver obrigado à prática de educação física, quando tiver problemas de saúde ou incapacidade física para realizar as atividades propostas (amparado pelo decreto-lei nº 1.044 de 21 de outubro de 1969) e quando tiver filhos.

A inclusão de ensino de história e cultura afro-brasileira também é recente. O artigo 26 propõe que todos os estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, ofereçam este conteúdo obrigatório. Com isso, o conteúdo programático incluirá o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à história do Brasil. Esses conteúdos devem ser ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação

artística e de literatura e história brasileiras.

Complementando essa questão, o artigo 79-B inclui o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra, através da Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003.

Sobre os profissionais de educação, o inciso VI do artigo 67 ganhou acréscimos com a Lei nº 11.301 de 2006, que cria dois parágrafos. O primeiro estatui que a experiência docente é pré-requisito para o exercício profissional de quaisquer outras funções do magistério, nos termos das normas de cada sistema de ensino. Já o segundo estabelece que são consideradas funções de magistério as exercidas por professores e especialistas em educação no desempenho de atividades educativas, quando exercidas em estabelecimento de educação básica em seus diversos níveis e modalidades, incluídas, além do exercício da docência, as de direção de unidade escolar e as de coordenação e assessoramento pedagógico.

Outra mudança no texto da Lei é referente à formação dos professores, já que anteriormente a formação de nível superior de professores destinada ao magistério na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental seria feita exclusivamente em cursos normais superiores. O decreto 3.554 de 2000 diz que a formação deverá ser cumprida preferencialmente nos cursos normais superiores.

Outra modificação foi a contagem da carga horária, que era feita por hora/aula definida em 50 minutos. Hoje, são quatro horas corridas. No período de permanência na escola, a rede municipal de ensino também se antecipou. “O Rio já tinha estabelecido as quatro horas antes da LDB. Além disso, ainda temos mais de 50 mil crianças estudando em período integral, sem falar das extensões da ação educacional, como os clubes escolares e as vilas olímpicas¹”, informa a secretária Sônia Mograbi.

Para a SME, a exigência de frequência mínima de 75% do total das horas letivas para que o aluno seja aprovado não foi considerada ideal (artigo 24, inciso VI). Segundo Ana Cezar, a lei anterior conjugava frequência com desempenho escolar. A lei atual prioriza a frequência, na tentativa de garantir a presença da criança na escola. “Hoje, se o aluno ultrapassou 25% de faltas, estará reprovado, mesmo que o rendimento seja bom ou excelente. O interesse do legislador aí foi o de combater a evasão, de responsabilizar a família pelo fato de a criança não ir à escola”, acredita ela.

A rede municipal segue categoricamente a lei e exerce um controle acadêmico sobre as faltas. Hoje os índices de evasão são baixos, em torno dos 3%. De acordo com a secretária, quando o aluno completa 12,5% de faltas (metade do permitido), o sistema emite um relatório e o Conselho Tutelar é comunicado. Além disso, há ações desenvolvidas nas próprias escolas. Um exemplo é o de uma unidade da 3ª CRE em que o próprio grêmio estudantil combate a evasão. A persuasão é feita de colega para colega. Outra alternativa são as reuniões com os responsáveis, em que estes são informados sobre a frequência do estudante à escola.

Rede investe em ciclo – A flexibilização da organização do ano letivo, que anteriormente era dividido em séries anuais, foi considerada um dos grandes avanços. O artigo 23 da Lei prevê que a educação básica pode ser ministrada também em períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência ou em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim recomendar. Para Cury, houve no início até um erro de interpretação em relação a essa possibilidade de vários modelos, já que muitos acreditavam que o regime de ciclos era uma espécie de progressão automática do aluno. Na realidade, trata-se de uma reestruturação. O estudante, em vez de um, tem três anos para constituir e aprimorar os conhecimentos e valores relativos ao nível em que está.

“A LDB abre a alternativa dos ciclos. É um ganho importante, porque dá autonomia a cada rede de fazer a sua organização”, reconhece Sônia Mograbi. O Rio de Janeiro implementou o primeiro ciclo de formação nos três primeiros anos no ensino fundamental. Nos anos subsequentes, a divisão é feita em séries, mas já se de-

Para a secretária Sônia Mograbi, a rede municipal se antecipou à LDB em várias questões



¹Clubes escolares são unidades educacionais supervisionadas pelo Programa de Extensão Educacional que atendem prioritariamente os alunos da rede municipal de ensino, oferecendo oficinas em diversas modalidades esportivas. A criação de vilas olímpicas é um projeto da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SMEL) em diversas comunidades para possibilitar acesso a atividades esportivas.

senha a implantação de outros dois ciclos, completando os nove anos de ensino fundamental.

Um dos indicativos de que os ciclos caminham bem, segundo a secretária de Educação, são os resultados da Prova Brasil, realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) do Ministério da Educação (MEC). Os alunos que já passaram pelo primeiro ciclo e concluíram a 4ª série obtiveram bons resultados, com uma pontuação acima da média nacional, dentro da escala definida pelos organizadores da pesquisa. Em português, enquanto a média nacional das escolas municipais foi de 171,9, a das escolas da Rede foi de 182,35. Em matemática, o desempenho foi de 178,66 nas redes municipais de todo o Brasil e de 189,63 na rede do Rio.

Meta já é realidade no Rio – Outra das grandes questões que envolvem toda a estrutura educacional é a formação e qualificação do professor, o principal protagonista do processo de ensino. A LDB propõe no artigo 87, em suas disposições transitórias, que até o fim da Década de Educação (1997-2007) somente sejam admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço. A idéia é que os profissionais da educação infantil e primeiras séries do ensino fundamental, cuja formação exige nível médio, passem a ter um nível maior de escolaridade.

Entretanto, o artigo 62 da Lei estabelece que a formação mínima de docentes para atuação na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental é a oferecida em nível médio, na modalidade normal. O ex-presidente da Câmara de Educação Básica do CNE lembra que esse artigo faz parte do corpo permanente da lei e, por isso, só pode ser alterado com a publicação de uma nova LDB. “A grande confusão é que as pessoas não souberam interpretar o que é transitório e o que é permanente, por isso acreditam que há contradições”, explica Cury. Tanto foi discutida a questão que o Plano Nacional de Educação prevê uma alteração na disposição transitória da LDB, estabelecendo como meta “garantir, por meio de um programa conjunto da União, Estados e Municípios, que, no prazo de 10 anos [até 2011], 70% dos professores de educação infantil e de ensino fundamental pos-



Creche

suam formação específica de nível superior, de licenciatura plena em instituições qualificadas”.

Uma das justificativas para a extensão do prazo para o aumento da qualificação profissional docente é que não se cumpriria essa determinação até 2007, já que em alguns recantos do país ainda existem professores em plena atividade sem formação de nível médio. Eles são conhecidos como professores leigos, principalmente nas creches e nos cursos de educação de jovens e adultos. Portanto, seria utópico acreditar que todos alcançariam o nível superior, já que o Censo 2001 realizado pelo MEC apontava 86.070 professores nesta situação. No município do Rio, entretanto, a meta estabelecida pelo PNE já é uma realidade. Dos cerca de 36 mil professores da Rede em todos os segmentos, 70% já têm nível superior, incluindo os que ministram aulas na educação infantil e primeiros quatro anos do ensino fundamental. “A rede de ensino do Rio tem uma qualificação profissional acima da média nacional”, observa Antônio Augusto Alves Mateus Filho, assessor do Departamento Geral de Educação da SME.

Filhote da LDB – Diante de um quadro ainda não ideal, no país se destaca a questão de financiamento para o desenvolvimento de programas de qualificação e de incentivo à atividade ▶

docente. Sob esse prisma, é inevitável falar da criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério (Fundef), com recursos de impostos revertidos aos municípios para a melhoria do ensino e do trabalho do profissional da educação básica. Os recursos do fundo são relativos ao número de alunos matriculados. A lei que criou o Fundo é um desdobramento da LDB e foi promulgada alguns dias depois dela, em 24 de dezembro de 1996.

Os docentes consideram o Fundef importante para a quase universalização de matrículas no ensino fundamental e, por conta disso, um avanço que surgiu com a legislação. A coordenadora do curso de pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Bertha do Valle, acredita que o Fundo serviu para que as prefeituras ampliassem o número de matrículas,

estimulando o ensino fundamental. “Além de disciplinar o financiamento, a lei do Fundef criou conselhos de controle social dos quais deve fazer parte a comunidade e causou impacto no ensino, principalmente nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste”, afirma o professor Cury. Entretanto, os exemplos mostram que é necessário um fundo com mais abrangência, para contemplar os demais segmentos da educação básica, inclusive a educação de jovens e adultos. A coordenadora da Faculdade de Educação da Uerj alerta que, como o Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica) é um projeto de lei ainda não aprovado, o governo federal terá que prorrogar a vigência do Fundef, para que os municípios não fiquem sem esses recursos, já que ele tem vigência de 10 anos e perde a validade este mês. A Câmara dos Deputados aprovou, no dia 22/11, o parecer da co-

Multieducação e a persistência transformadora

REGINA DE ASSIS*

Há 10 anos publicamos o Núcleo Curricular Básico Multieducação, fruto de muitas experiências e dedicação à educação por parte de professores que, do âmbito das escolas municipais da Prefeitura do Rio e das universidades, principalmente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), concebemos e desenvolvemos uma proposta educacional voltada às então 1.029 unidades escolares da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Aqueles de nós responsáveis pela política educacional da Secretaria Municipal de Educação (SME) desde 1993 sabíamos que a imposição de um currículo único seria uma falácia destinada ao erro, numa rede com mais de mil escolas públicas. Porém, conhecíamos também a necessidade de um *núcleo curricular básico*, capaz de articular, na diversidade e desigualdade de situações das escolas municipais do Rio, conhecimentos e valores que contribuíssem para o desempenho escolar satisfatório de professores e alunos, em busca do direito básico de cidadania: uma educação de qualidade.

Assim, nós, os professores responsáveis pela política da SME em 1993, assumimos o compromisso de desenvolver com os professores da rede municipal um núcleo curricular básico capaz de responder satisfatoriamente à nossa atividade-fim, que é a de educar com êxito.

Esse extraordinário esforço coletivo de interlocução pedagógica entre a equipe dirigente da SME e os mais de 30 mil mes-

tres de educação infantil, educação especial, ensino fundamental e Programa de Jovens e Adultos (Peja) obteve um êxito considerável, pois recebemos manifestações por escrito de mais de 70% dos professores municipais, a cada capítulo escrito por nós, equipe dirigente, e enviado às escolas para crítica.

Dez anos depois, grande parte da equipe que dirigia a SME é agora responsável por administrar a MULTIRIO, produtora pública de produtos audiovisuais, impressos e digitais. Nesta qualidade, podemos perceber e constatar o vigor e a atualidade do Núcleo Curricular Básico Multieducação.

Ao desenvolver o nosso trabalho junto à SME, seja com o Órgão Central, as Coordenadorias Regionais de Educação (CREs) ou diretamente com alunos e professores, nas escolas municipais, confirmamos a atualidade e qualidade desta proposta educacional que, ao início do terceiro milênio, reafirma aspectos essenciais de uma visão educacional em que a individualidade de cada um é relacionada com os coletivos de cada sala de aula, em cada escola, e seu contexto socioeconômico e cultural.

Para isto, a matriz do Núcleo Curricular Básico que articula os Princípios Educativos do Meio Ambiente, do Trabalho, da Cultura e das Linguagens com os Núcleos Conceituais da Identidade, Espaço, Tempo e Transformação é poderosamente contemporânea, uma vez que enfoca os alunos e professores a partir de suas singularidades, numa perspectiva de sociedade que considera os amplos contextos sociais e culturais em que as escolas municipais atuam.

missão especial que analisou o substitutivo do Senado à proposta de emenda constitucional do Fundeb. A aprovação definitiva depende de nova votação, em segundo turno, no plenário da Câmara.

A administração dos recursos também passou por uma revolução com a LDB, já que ela prevê autonomia de gestão. A rede municipal de ensino do Rio mais uma vez foi pioneira no assunto. Em dezembro de 1993, foi criado o fundo rotativo, uma verba específica para a escola suprir suas necessidades imediatas. Os diretores foram preparados para receber os recursos e prestar contas. Isso serviu como aprendizado para o estabelecimento posterior da autonomia, como é hoje, em que cada escola administra a verba recebida. Essa proposta, aliás, é um dos frutos colhidos com a Multieducação, que permite que cada unidade tenha a liberdade de se gerenciar

e estabelecer seu projeto político-pedagógico a partir de sua identidade e característica.

Esses foram os primeiros 10 anos. E o que está por vir no futuro? Os êxitos foram contabilizados, as polêmicas vêm sendo discutidas e mais reformulações devem surgir por aí para modernizar a educação brasileira. Resta aguardar a próxima década e contribuir para que ela seja ainda mais significativa para o desenvolvimento do ensino e para a valorização do magistério. No Rio, mais uma vez, algumas metas estão em curso. O Plano Municipal de Educação (PME) já foi elaborado e trata da educação infantil, do ensino fundamental, da educação especial e da educação de jovens e adultos, sem esquecer as mídias na escola. “A mídia é fundamental para tornar o processo pedagógico mais prazeroso, mais antenado com os dias de hoje”, finaliza a secretária Sônia Mograbi. ■

Ao ressaltar a importância das linguagens e, portanto, da mídia, que comunica, informa e contribui para a constituição de conhecimentos e valores, a Multieducação antecipa e propõe um novo paradigma para a educação pública, em que os recursos audiovisuais, digitais e impressos, além de integrados de forma crítica às práticas pedagógicas, trazem transformações necessárias e inclusivas para a maioria da população.

Considerando as grandes desigualdades ainda existentes em nosso país e cidade, é inegável a importância das escolas municipais como instituições incluídas, que, ao atender à maior parte de crianças, adolescentes e jovens com a qualidade proporcionada por sua proposta pedagógica Multieducação, poderiam avançar em muito no direito à educação bem-sucedida que leva ao êxito. Ao oferecer um Núcleo Curricular Básico articulador dos projetos político-pedagógicos de cada uma das atuais 1.055 escolas municipais, criam-se condições para que as diferentes situações socioeconômicas e culturais possam ser atendidas, e que a rica diversidade de nossos professores e alunos seja contemplada e agregada às práticas pedagógicas.

Se essas práticas se desenvolvem em sistema de séries ou ciclos, ainda assim a Multieducação oferece às equipes pedagógicas os meios para adaptar seus projetos político-pedagógicos, sem fraturar ou omitir os elementos que podem garantir a educação que leva ao êxito de todos.

Vale ressaltar ainda que, ao longo destes 10 anos, o Núcleo Curricular Básico Multieducação subsidiou a elaboração

de muitas outras propostas educacionais em várias regiões do país, e, em particular, a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental no Conselho Nacional de Educação (CNE) entre 1996 e 2000.

A partir de 2001, com o advento da nova administração municipal, a Multieducação foi revisitada pela equipe responsável pelo Departamento Geral de Educação da SME e vários fascículos foram produzidos sobre aspectos essenciais do Núcleo Curricular Básico. Alguns temas contemporâneos foram introduzidos, especialmente em relação ao trabalho de cuidado e educação da Educação Infantil e à importância crescente da integração das mídias para os projetos pedagógicos das escolas.

No entanto, a proposta inicial permanece, transformando-se pelas exigências do tempo, como prevíamos há dez anos, ao enfatizar os núcleos conceituais da transformação com os da identidade de nossos alunos, professores e unidades escolares, no tempo e no espaço de uma sociedade que desejamos cada vez mais democrática e inclusiva, em grande medida, pelas ações exitosas de nossas escolas municipais.

*Presidente da MULTIRIO. Autora e editora do Núcleo Curricular Básico Multieducação. Relatora das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e para o Ensino Fundamental no Conselho Nacional de Educação (CNE).

Goles de dependência e ruína

As ameaças a que estão expostos crianças e jovens que convivem com o alcoolismo em família

TEXTO Na novela das oito, uma jovem recém-saída da adolescência tenta livrar o pai do alcoolismo. Ali, RENATA PETROCELLI

ILUSTRAÇÃO a arte imita a vida. Longe da ficção, crianças e adolescentes vêm o ambiente familiar desmoronar diante da doença. Ter em casa um pai, mãe ou irmão dependente do álcool significa conviver com desavenças, instabilidade e até violência, em um ambiente hostil e inseguro, que representa mais ameaça que proteção. E mais: a dificuldade em lidar com os sentimentos e a falta de amparo são portas abertas para o uso entre os adolescentes, que podem vir a se refugiar na bebida ou nas drogas. Pesquisas mostram que a idade média do primeiro contato com o álcool é cada vez menor, atualmente em torno de 13 anos. O dado deixa clara a necessidade de que pais e professores saibam como lidar com o tema, contribuindo para manter crianças e adolescentes longe do álcool.

O alcoolismo é uma doença progressiva e incurável, que afeta em vários aspectos a vida de um dependente. As conseqüências mais imediatas são psíquicas: dificuldades de relacionamento, queda na auto-estima, desinteresse pelo convívio social, pelo trabalho ou por qualquer forma de lazer que não envolva o consumo do álcool, alterações bruscas de humor e dificuldades de cognição. Há, ainda, o isolamento provocado pelo preconceito, já que as pessoas associam erroneamente a doença a fraqueza, falta de vergonha ou de força de vontade. “É preciso entender que o alcoolismo não é safadeza ou mau-caratismo, e sim uma doença. Trabalhar a culpa é o primeiro aspecto importante”, destaca o psicólogo Roberto Pereira Coelho, ouvidor da Secretaria Especial de Prevenção à Dependência Química da Prefeitura do Rio de Janeiro. Os efeitos físicos aparecem a longo prazo e podem incluir pressão alta, derrames, doenças cardiovasculares, câncer, gastrites, úlcera e cirrose hepática. Em gestantes, o álcool pode deixar nas crianças seqüelas que vão desde dificuldades de atenção, aprendizado e memória até a síndrome fetal alcoólica, que provoca anomalias faciais, déficit intelectual e problemas comportamentais.

As conseqüências, portanto, não se limitam ao dependente. E isso não apenas no caso das gestantes. A família é a primeira a sofrer os efeitos da doença, que se manifestam sob a forma de angústia e conflitos constantes. Para as crianças e adolescentes, o espaço onde antes havia proteção e amparo se converte em fonte de tensão. “Eles crescem em um clima de estresse crônico e não raro acabam invertendo de forma bastante prejudicial os papéis. Daqui a pouco são eles que estão cuidando do pai ou da mãe, e não o contrário”, destaca Sérgio de Paula Ramos, presidente da Associação Brasileira de Estudos sobre o Álcool e outras Drogas (Abead). A família deixa, assim, de cumprir sua função no desenvolvimento psíquico e emocional de seus filhos, como ressalta a médica psiquiatra Jackeline Giusti, do Grupo de Estudos em Alcoolismo do Hospital das Clínicas de São Paulo. “Estas famílias apresentam disfunções na expressão de afeto e demarcação de limites. É difícil aprender a lidar com os sentimentos num ambiente em que as emoções não são expressas ou são pouco toleradas”.

Os caminhos da doença – A fragilidade da estrutura familiar pode levar os filhos a repetirem os pais, buscando refúgio no álcool ou nas drogas. Uma certa permissividade em torno do tema é outro fator que aproxima os jovens da bebida. Ao contrário do cigarro, a publicidade de bebidas alcoólicas não enfrenta restrições pesadas. Ao mesmo tempo, muitos pais acham normal que seus filhos de 15 ou 16 anos tomem uma cervejinha no final de semana ou nas “baladas”. A maioria só enxerga o problema quando o consumo escapa do nível considerado “normal”. Mas o que seria um nível “normal” nesta idade? “Se o adolescente for menor de 18 anos, o primeiro limite ultrapassado é o legal¹. Temos o hábito de não valorizar isso, mas há razões para o limite ser o mesmo na maior parte do mundo”, lembra Sérgio de Paula Ramos. Roberto Pereira Coelho completa: “O organismo de uma criança ou adolescente ainda não está amadurecido e, por isso, os efeitos da bebida são muito mais desastrosos”.



Outro dado comprovado é que quanto mais cedo uma pessoa tem o primeiro contato com a bebida maiores são as chances de que venha a tornar-se dependente. E os adolescentes têm experimentado o álcool cada vez mais cedo. No Brasil, o Primeiro Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas² mostrou que 48,3% dos jovens entre 12 e 17 anos já consumiram álcool e drogas. Na mesma faixa etária, 5,2% são dependentes alcoólicos. “Estudos apontam que para cada ano postergado no primeiro consumo fica diminuído em 12% o risco de problemas relacionados à bebida”, explica Patrícia Saibro, médica psiquiatra do Centro de Pesquisa em Álcool e Drogas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Fatores genéticos são determinantes, mas o problema pode ser antecipado ou, em outra medida, postergado e até evitado por uma estrutura familiar equilibrada, com olhar atento, diálogo aberto e, sobretudo, muita informação. Roberto ressalta a importância de que famílias com histórico da doença conversem e se informem sobre o problema. “Ninguém nasce com uma etiqueta na testa anunciando que tem predisposição ao alcoolismo. As crianças e adolescentes precisam saber que experimentar certas

coisas pode ser prazeroso, mas muito perigoso a longo prazo”.

Os riscos não se limitam à dependência, incluindo ainda o envolvimento em acidentes de trânsito, conseqüência da perigosa mistura entre álcool e direção, e a predisposição ao uso de outras drogas. O álcool, tolerado pelos pais, representa geralmente o primeiro passo do adolescente na relação com as substâncias psicoativas. Com o organismo habituado ao consumo, em pouco tempo ele parte para drogas como maconha, cocaína e *ecstasy*. Isso sem contar as “baladas”, onde o álcool é misturado às mais diversas substâncias psicoativas, em busca de relaxamento, descontração, energia e até potência sexual.

Para Jackeline Giusti, a associação entre álcool e diversão é uma das facetas mais perigosas na relação do adolescente com a bebida. Numa fase de experimentação de comportamentos e situações, a bebida gera outro

¹No Brasil, a venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos é proibida desde 15 de julho de 1996, data da Lei nº 9.294.

²A pesquisa foi realizada em 2001 pelo Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas (Cebid) e envolveu as 107 maiores cidades brasileiras.

tipo de dependência. “O adolescente passa a depender da substância para desenvolver suas atividades sociais. Alguns utilizam o álcool e as drogas inicialmente para recreação e acabam por não desenvolver outras formas de divertimento”, explica.

As ameaças são claras. Pesquisa da Organização das Nações Unidas para a Educação (Unesco) mostra que 34,8% dos cerca de 50 mil estudantes brasileiros dos ensinos fundamental e médio consomem álcool. Em outro levantamento, a Secretaria Nacional Antidrogas constatou que 41% dos estudantes já bebiam entre os 10 e os 12 anos. Aos 18, 81% já haviam bebido. Para o coordenador de adolescentes do Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes da Universidade Federal de São Paulo, Sérgio Alves Lima, o tratamento é fundamental e deve ser prioritário entre adolescentes. “O alcoolismo é um problema de saúde pública mundial, mas o Brasil é negligente com o assunto. A maioria dos serviços está abarrotada e não consegue dar conta da demanda. Várias famílias não sabem o que fazer com seus pacientes”, constata³.

Identificação e tratamento – O primeiro passo, portanto, é a aceitação da doença. Perceber que um filho está passando dos limites pode ser difícil numa sociedade que propaganda o uso

álcool e não vê problemas em sua presença nas festinhas de adolescentes e no uso no churrasco do final de semana. Mas alguns sinais podem indicar que uma perigosa fronteira foi ultrapassada. Especialistas ouvidos por NÓS DA ESCOLA são unânimes ao apontar indícios como: dificuldades no aprendizado, desinteresse pelas atividades rotineiras, restrição do contato social, oscilações de humor, perda de apetite, fadiga, inquietação, envolvimento em brigas e episódios de deprecação de patrimônio.

Buscar tratamento é essencial⁴. No mais, o papel de pais e professores é prestar apoio, desenvolver uma relação de confiança e diálogo aberto. No caso da escola, a percepção do alcoolismo do adolescente ou de um familiar exige atenção e cuidado. “A escola deve estar atenta às necessidades do aluno e apoiá-lo, mas deve-se evitar expô-lo. Devem-se ainda reforçar fatores relacionados à proteção, como bom vínculo escolar e com adultos em situação de cuidado”, ensina Fernanda Gonçalves Moreira, coordenadora de ensino do Programa de Atendimento a Dependentes da Universidade Federal de São Paulo.

Trabalhar preventivamente é o melhor remédio. E aí o papel da escola é ainda mais essencial. Em primeiro lugar porque é sua função formar cidadãos conscientes, críticos, capazes de tomar decisões próprias e resistir às pressões dos grupos. Mas também porque pode – e deve – alertar sobre os riscos do uso abusivo do álcool. Para Fernanda, os Parâmetros Curriculares Nacionais dão a dica sobre a melhor forma de abordar o assunto. “Como tema transversal, em trabalhos multidisciplinares, através de projetos que incentivem a busca ativa das informações pelos alunos”, explica.

Outro excelente caminho é o exemplo, como lembra Sérgio de Paula Ramos: “Não tem cabimento que, em algumas escolas, o lugar de maior consumo de drogas seja a sala dos professores, onde muitos fumam! Ou festas colegiais em que são servidas bebidas alcoólicas. Também não tem lógica um país permitir que uma marca de cerveja patrocine a seleção de futebol”. Incentivar o debate e a consciência em relação à abundante publicidade do álcool é, portanto, uma boa dica. Além disso, resta a pais e professores oferecer acesso à informação e todo o apoio e diálogo essenciais à formação do ser humano, em qualquer âmbito de sua vida. ■

³ Importante ponto de apoio é a irmandade Alcoólicos Anônimos atuante em cerca de 150 países. Em reuniões semanais, os alcoólicos compartilham experiências para lutar contra a doença. No Rio de Janeiro, o escritório central fica na Avenida Rio Branco, 57, grupo 201, Centro. Telefone: 2253-9283. Endereço eletrônico: aarj@aa.org.br.

Para atender aos familiares e amigos dos dependentes, foi criado o Alanon, que segue os mesmos princípios dos AA. Em lugar de “evitar o primeiro gole”, o lema é “evitar a primeira discussão” e o objetivo é tornar menos penoso o dia-a-dia de quem tem de conviver com o doente. A entidade realiza palestras gratuitas em empresas e escolas. O escritório central fica na Rua Santa Luzia, 799, sala 601, Centro. Telefone: 2220-5065. Endereço eletrônico: siarj@hotmail.com.

⁴ Na Secretaria Especial de Prevenção à Dependência Química, alcoólicos e seus familiares podem buscar atendimento psicológico, orientação e informação. Basta ligar para a ouvidoria, no telefone 2588-9016.

Alternativas em transportes

Novos combustíveis prometem reduzir emissões de gases que provocam o aquecimento global

O petróleo é essencial à vida. Não seria possível imaginar o funcionamento das grandes metrópoles sem o combustível que move milhões de pessoas e produtos. Sem ele, a economia mundial entraria em colapso. Mais de 90% do setor de transporte são movidos a derivados de petróleo, especialmente gasolina e óleo diesel. Infelizmente, o mesmo insumo que mantém modernos padrões de vida também é um dos grandes vilões na guerra contra o aquecimento global. A queima de combustíveis fósseis despeja anualmente milhares de toneladas de dióxido de carbono (CO₂) na atmosfera, potencializando o problema ambiental mais grave da atualidade. O setor de transportes representa cerca de 30% das emissões de gases responsáveis pelo efeito estufa.

Somos 6 bilhões de pessoas e, em 2020, devemos chegar a 8 bilhões. Uma das consequências do aumento populacional e do desenvolvimento econômico é o crescimento do número de veículos, tanto para o transporte de pessoas quanto para o de cargas. Hoje existem cerca de 700 milhões de veículos, número que deve triplicar até 2050. Embora o avanço tecnológico contribua para diminuir a produção de poluentes – automóveis fabricados nos anos 1960 produziam cerca de 40% a mais de poluentes que os atuais –, não existe processo de combustão que evite a emissão de CO₂.

Os problemas envolvendo o petróleo não são apenas ambientais, mas também econômicos. A demanda do insumo cresce de forma constante e as reservas do planeta não serão capazes de garantir o abastecimento mundial indefinidamente. Em algum momento deste século, a capacidade de produção mundial alcançará seu pico e daí em diante entrará em declínio. O resultado será um aumento cada vez maior dos preços do produto.

Crise do petróleo – “Se não se encontrar qualquer reserva adicional e o consumo ficar como hoje, temos petróleo para mais 44 anos. O cenário depende das novas descobertas, da



Os biocombustíveis são uma alternativa ao efeito poluidor dos derivados de petróleo

evolução das tecnologias de recuperação do petróleo e de como o consumo vai evoluir. Muitos dizem que o pico de produção pode chegar daqui a 20 ou 30 anos. Depois a produção diminuirá e isso vai levar a um grande aumento do preço do petróleo. Mas o aquecimento global também terá uma grande influência na mudança da matriz energética”, explica o gerente de Gás e Energia do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento (Cenpes) da Petrobras, Fernando Baratelli Junior.

Além disso, as principais reservas petrolíferas estão localizadas em áreas de grande instabilidade política, notadamente no Oriente Médio. No último ano, a cotação do barril de petróleo mais que duplicou, ultrapassando a barreira dos US\$ 70. Hoje, o valor está estacionado entre US\$ 55 e US\$ 60 o barril. Nada que lembre os US\$ 2,90 por barril do período anterior ao primeiro choque do petróleo em 1973.

Está em curso um grande esforço mundial para reduzir os malefícios resultantes da queima dos combustíveis fósseis e encontrar alternativas. “É importante a formulação de uma política energética para o setor de transportes que reduza a dependência do petróleo e as emissões de poluentes na atmosfera. Para isso, é preciso diversificar a matriz energética, apostando em novos combustíveis”, ressalta a professora Suzana Kahn Ribeiro, do Programa de Engenharia de Transportes da Coppe-UFRJ.

TEXTO

FABIO ARANHA

FOTOS

ARQUIVO DO CENTRO DE PESQUISAS E DESENVOLVIMENTO DA PETROBRAS

Nesse contexto, os biocombustíveis são uma solução que pode mitigar o efeito poluidor dos derivados do petróleo. Em primeiro lugar, sua queima não provoca a emissão de óxidos de enxofre, um dos principais poluentes do ar. Além disso, seu ciclo é fechado, ou seja, apesar de emitirem gases-estufa, quando nova safra é plantada, o gás é reabsorvido da atmosfera pelas plantas que o utilizam para fazer fotossíntese.



Álcool e biodiesel – No Brasil, o álcool já é uma alternativa de biocombustível largamente utilizada. Seu uso começou em 1975 com o lançamento do Proálcool, programa do governo que visava reduzir a dependência do petróleo, na época 80% importado. Com ele, o país passou a adicionar 15% a 20% de álcool anidro à gasolina. Nos anos 1980, a indústria automobilística lançou veículos movidos exclusivamente a álcool hidratado, que chegaram a responder por 90% da venda de carros novos.

A queda de preços do petróleo no final da década puxou para baixo o preço do álcool. Além disso, o governo cortou subsídios para a indústria sucroalcooleira. A consequência foi uma crise de abastecimento que causou o declínio da procura por veículos a álcool. Após anos de ostracismo, o advento do veículo *flexfuel* – que roda tanto com gasolina quanto com álcool – está promovendo o ressurgimento do mercado para o combustível. Atualmente, os veículos *flexfuel* representam 70% das vendas de automóveis novos. O Brasil ainda mantém uma mistura de 20% de álcool à gasolina. Outros países, como os Estados Unidos, também adicionam etanol a sua gasolina.

Há ainda grande expectativa por parte dos pesquisadores quanto ao chamado álcool de lignocelulose, produzido a partir do bagaço da cana-de-açúcar, que pode dobrar a produção sem a plantação de um único pé a mais da planta. A expectativa é de que o processo esteja consolidado por volta de 2030.

O biodiesel também começa a ganhar força. Trata-se de óleo diesel que pode ser feito a partir de vegetais oleaginosos, como a soja, a colza e a mamona. A partir de 2008, será obrigatório que todo o óleo diesel produzido no país tenha 2% de biodiesel em sua composição. A meta do governo é que esta taxa passe para 5% em 2013. Com o incentivo ao combustível renovável, o governo espera também criar empregos. O programa também visa diminuir a importação de óleo leve, necessário para produzir o diesel.

Veículo elétrico – Além dos combustíveis alternativos, busca-se uma alternativa ao próprio motor de combustão. Uma das soluções que vêm sendo pesquisadas é o veículo elétrico. O mais comum é o veículo elétrico a bateria, que pode ser recarregado em uma tomada residencial.

“As casas do futuro deverão ser providas de placas solares fotovoltaicas. Quando os veículos estiverem estacionados, poderão captar energia do sol para a recarga”, prevê o professor da Faculdade de Engenharia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Luiz Artur Pecorelli Peres, também membro do conselho-diretor da Associação Brasileira do Veículo Elétrico.

Mas o obstáculo da autonomia precisa ser vencido para o sucesso do veículo elétrico a bateria. Ainda não se encontrou uma forma de armazenar carga suficiente nas baterias para mantê-lo na estrada por longas distâncias. As baterias são volumosas e pesadas e requerem tempo excessivo para recarga. A penetração do carro elétrico no mercado de carros particulares depende da solução de problemas como esses.

Entretanto, há uma área em que seu sucesso é inquestionável: a de veículos de pequeno porte ou não-rodoviários. São carros usados para a locomoção de pequenas cargas e pessoas em campos de futebol e de golfe, clubes, parques, condomínios, galpões e estacionamentos, além de empilhadeiras elétricas.

Veículo híbrido – Onde o veículo elétrico a bateria apresenta limitações, o híbrido se mostra promissor. Nele motores elétricos são utilizados para fornecer parcial ou totalmente a energia para movimentar o veículo. No último caso, de configuração em série (o mais comum), um motor de combustão interna convencional, acoplado a um gerador, fornece energia elétrica a um banco de baterias. Elas, por sua vez, provêm energia ao motor elétrico, responsável pela propulsão do veículo. O motor de combustão interna pode usar tanto combustíveis fósseis, como gasolina e diesel, quanto alternativos, como gás natural, álcool e biodiesel. Sua vantagem é que, quando o nível das baterias estiver baixo, é só abastecer com combustível.

Um veículo híbrido tem autonomia igual ou superior à de seu semelhante convencional. Em comparação, um híbrido do tipo sedan pode fazer entre 25 e 28 quilômetros com um litro de gasolina, enquanto um carro com motor a combustão faz cerca de 15 quilômetros com a mesma quantidade de combustível. Além disso, o híbrido emite até 50% a menos de CO_2 .

Há ainda o híbrido *plug-in* ou recarregável, que conta com baterias maiores, que podem ser recarregadas ao se conectar o carro a uma tomada. Isso aumenta a autonomia do veículo, que pode percorrer entre 34 e 68 quilômetros com um litro de gasolina. Veículos híbridos são sucesso de vendas no mercado norte-americano, fabricados por montadoras como a Toyota e a Honda.

Economia do hidrogênio – Para um futuro mais distante, uma opção é o hidrogênio (H_2). Hoje, montadoras como a BMW têm protótipos que queimam o H_2 em motores de combustão. Mas a grande promessa é o uso do insumo em veículos com células a combustível, que substituiriam os motores de combustão interna. O H_2 tem vantagens inegáveis em relação aos derivados do petróleo, pois gera um único subproduto na atmosfera: o vapor d'água. Veículos movidos a gasolina emitem toneladas de CO_2 , além de uma série de outros poluentes, como óxidos nitrosos, de enxofre, monóxido de carbono e material particulado.

Entretanto, vários problemas teriam de ser resolvidos para a entrada no mercado de car-

ros movidos a hidrogênio. Um deles é a durabilidade da membrana que compõe as células, que hoje é menos da metade do que seria exigido. O custo das células também precisará ser reduzido. Novos materiais precisam ser desenvolvidos e novos métodos de fabricação formulados para que esses veículos se tornem competitivos. Será necessário ainda encontrar uma forma eficiente de armazenar o hidrogênio dentro do veículo para que ele tenha uma autonomia razoável.

É preciso também estruturar um amplo parque produtor de H_2 . O hidrogênio não é encontrado na natureza, mas pode ser produzido a partir de qualquer fonte convencional de geração elétrica. Atualmente, a forma mais barata é a partir do gás natural, o que diminui a eficácia da redução das emissões de dióxido de carbono, já que a queima do gás resulta na liberação do CO_2 .

Futuramente, o hidrogênio poderá ser produzido a partir de usinas nucleares ou fontes renováveis – energia eólica, solar, geotérmica etc. – que não emitem gases-estufa. Por último, há de ser montada uma rede de distribuição com postos que vendam H_2 . Por essas razões, especialistas calculam que a chamada economia do hidrogênio não se tornará realidade antes de 2030.

Eficiência energética – Medidas adicionais de efeito imediato também precisam ser buscadas. “Tem de haver planejamento urbano para incentivar o transporte coletivo não motorizado e restringir o uso dos automóveis. Programas de inspeção veicular também podem reduzir as emissões em mais de 10%, além de diminuir o consumo de combustível. Também é preciso criar padrões de eficiência energética para os veículos”, ressalta Suzana Ribeiro, da Coppe-UFRJ.

Para Baratelli Junior, é preciso criar uma consciência de economia energética, que passa pela educação. “Por exemplo, eu vou trabalhar com meu carro, que faz cerca de 10 quilômetros por litro. Mas poderia juntar quatro colegas para irmos em *pool*, o que seria um litro dividido por quatro pessoas. E mais: eu poderia não gastar nada. Poderia trabalhar em casa, interagir eletronicamente e vir para meu local de trabalho apenas quando fosse necessário. É uma questão de criar novos paradigmas”, conclui. ■

SAIBA MAIS

Livros

- RIBEIRO, Suzana Kahn; REAL, Márcia Valle. *Novos combustíveis*. Rio de Janeiro, E-Papers, 2006.
- RIBEIRO, Suzana; et al. *Transporte e mudanças climáticas*. Rio de Janeiro, Mauad, 2000.

Páginas

- Associação Brasileira do Veículo Elétrico (ABVE) – www.abve.org.br
- Planeta Coppe – www.planeta.coppe.ufrj.br

Comunicação como proposta



Atentos, os alunos da educação infantil descobrem a linguagem de sinais

A importância da comunicação e as várias formas de linguagem foram o tema do projeto pedagógico elaborado pelo professor da educação infantil Marco Aurélio Vasconcelos, da Escola Municipal Guatemala, no Centro. Intitulado Quem Não Se Comunica, Se Trumbica! – Uma Proposta de Linguagem e Letramento na Educação Infantil, o projeto contemplou a elaboração de um jornal, contação de histórias em libras (linguagem usada pelos surdos), discussão de notícias publicadas pela imprensa e até a redação de uma carta endereçada ao prefeito Cesar Maia. O objetivo foi o desenvolvimento de valores como autonomia, cooperação, criatividade e criticidade.

Uma das primeiras atividades foi o debate sobre as notícias do dia. Durante os fins de semana, as crianças foram incumbidas de escolher, com o auxílio dos pais, matérias de jornais para levar à escola. Para Marco Aurélio, foi uma forma de envolver os responsáveis, que precisavam ler os textos para as crianças, já que elas ainda não dominam a leitura. “Mas já têm uma visão crítica do mundo. Comentam tudo o que vêem na TV e nos jornais. Para a idade que têm, já fazem boas reflexões sobre a realidade”, assegura Marco Aurélio.

Nas atividades de linguagem escrita, foi organizado um jornal com o nome de *Turma do Barulho* para comemorar o Dia dos Pais. O pro-

fessor contou com ampla participação dos familiares, que, como as crianças, até opinaram sobre o conteúdo. O jornal incluiu histórias em quadrinhos, entrevistas feitas pelas crianças, recadinhos para os pais, tudo sob a responsabilidade do professor, que redigiu os textos que as crianças quiseram ver publicados.

Ação solidária – A grande surpresa do projeto, entretanto, foi a carta ao prefeito. Uma aluna da escola precisava de uma cadeira de rodas maior. O professor teve a idéia de enviar o pedido por escrito ao governante. Além da resposta imediata, a cadeira foi comprada pela Obra Social da Cidade e entregue à menina, para alegria da comunidade escolar. O professor e os alunos também enviaram *e-mails* a um laboratório farmacêutico pedindo a doação de medicamentos para a mesma aluna. “Mostrei a eles o quanto é importante perseguir nossos objetivos. Isso foi muito prazeroso”, orgulha-se Marco Aurélio.

A linguagem oral também foi destaque no projeto. As crianças encenaram o texto *As sementinhas*, inspirado no clássico infantil *João e o pé de feijão*, compilado pelos irmãos Grimm, e filmaram o resultado. Em outra ocasião, os pais assistiram ao resultado do trabalho. Coube às crianças criar as falas dos personagens e escolher as músicas da encenação.

Linguagem de sinais – Outro momento enriquecedor foi a visita da professora Sheila de Oliveira com os alunos da sala de recursos de surdos da Escola Municipal Mário Cláudio, do Rio Comprido, Zona Norte da cidade. O objetivo foi permitir a comunicação das crianças com jovens que usam a linguagem de sinais, mostrando que é possível conviver com as diferenças.

Depois da apresentação dos convidados, traduzida pela professora, as crianças assistiram a um vídeo em linguagem de sinais e com narrativa oral. As crianças, então, quiseram saber como os alunos com deficiência auditiva se relacionam com o mundo e como haviam descoberto a linguagem de sinais. Na avaliação dos professores, a experiência foi muito positiva porque todos se sentiram importantes. ■

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

O passado visto de perto

Não é só em sala de aula que se aprende história. Foi o que a equipe de professores da Escola Municipal Joaquim da Silva Gomes (10ª CRE) demonstrou com o projeto Santos Dumont: Um Herói Brasileiro, desenvolvido em homenagem ao centenário do voo do *14-Bis*. Discutindo temas como o uso da aviação nas guerras – o que foi motivo de desgosto para o Pai da Aviação – e explorando a fundo fatos que levaram à Segunda Guerra Mundial, alunos da 8ª série conheceram museus e monumentos históricos da cidade que contam um pouco desse passado.

Depois de uma aula sobre os regimes totalitários que se apossaram da Alemanha e da Itália à época do conflito, os estudantes viram de perto fotos, uniformes e armamentos usados pela Força Expedicionária Brasileira (FEB), no Museu da Segunda Guerra Mundial, e visitaram o Monumento aos Pracinhas, no Aterro do Flamengo. Sem esquecer do personagem brasileiro homenageado pela escola, o inventor do avião, os estudantes conheceram o Aeroporto Santos Dumont, o Museu Aeroespacial e o Centro de Referência da Educação Pública (Crep), que abrigou a exposição *Santos Dumont: o inventor do cotidiano*.

Para o professor Sinvaldo do Nascimento Souza, no momento em que os alunos vivenciam de perto situações aprendidas em sala de aula, passam a se interessar mais pelos temas. “É uma forma de eles aprenderem se divertindo. E as visitas são importantes para o aprendizado social”, ressalta. De maio a novembro, a escola promoveu 12 visitas, envolvendo cerca de 500 alunos.

Cenas de campanha – No Museu da Segunda Guerra Mundial, os estudantes ficaram impressionados com as imagens de cenas em tamanho natural, que mostravam a atuação das enfermeiras nos hospitais militares de campanha, soldados entrincheirados, peças de fardamento e armamentos do exército alemão capturados durante a guerra. O que mais chamou a atenção do aluno Cleiton Carlos Ferreira, de 15 anos, foram as armas usadas na guerra. “É tudo muito antigo, bem diferente do que existe hoje. Ver de perto tudo isso faz a gente gravar na memória o que foi ensinado nas aulas”, garante.

A exposição no Crep também deu aos alunos a oportunidade de observar fotografias e documentos sobre a vida do Pai da Aviação, além de assistir a um documentário e brincar com jogos interativos. Para o estudante Wanderson de Oliveira, de 15 anos, ver a imagem dos dirigíveis inventados por Santos Dumont foi o mais interessante. Já Juan Carlos Vieira da Silva, de 14 anos, entusiasmou-se com os vídeos e jogos interativos. “Foi bom descobrir que Santos Dumont inventou o avião para servir de transporte, não para matar gente”, ressaltou o jovem.

Já a visita ao Museu Aeroespacial, no Campo dos Afonsos, Zona Norte da cidade, serviu para que os alunos vissem de perto réplicas das aeronaves de Santos Dumont. No local, há um *Demoiselle*, o último modelo de avião idealizado pelo inventor. Além disso, é possível encontrar documentos e fotos históricas.

Honra ao mérito – Além das visitas aos espaços históricos, o projeto sobre Santos Dumont envolveu concursos de redação e de maquetes. Houve distribuição de medalhas, troféus e diferentes prêmios aos vencedores. No concurso da melhor maquete, por exemplo, o grupo vencedor ganhou um voo panorâmico concedido pela Base Aérea de Santa Cruz.

Outro ponto-chave do projeto foi a visita à 6ª Primavera de Livros, realizada entre os dias 15 e 17 de setembro, na Praça Santos Dumont, Gávea. A feira literária, que tem como patrocinadora a Prefeitura do Rio, recebeu os alunos da escola. Eles assistiram a um debate com a escritora Bia Hetzel, autora do livro *Uma alegria selvagem – a vida de Santos Dumont*.

A proposta pedagógica contemplou não só o passado mas também a história recente. De acordo com o professor de história Antônio Carlos Suzano, além de apresentar um brasileiro como o inventor do avião, os professores trabalharam em sala de aula a viagem do astronauta Marcos Pontes pelo espaço, que aconteceu este ano. “Fizemos uma relação entre passado e presente e mostramos que tudo isso começou com um brasileiro. Agora, um astronauta do nosso país também consegue esse grande feito”, comemora o professor. ■

TEXTO

CAROLINA BESSA

SAIBA MAIS

NÓS DA ESCOLA nº 40 traça o perfil de Santos Dumont. Já a revista nº 42 traz um cartaz sobre o Pai da Aviação e seus inventos.

Tudo começou com um sonho

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

Imagine uma escola inteira trabalhando em torno de um mesmo tema. Experimentos de ciências que servem de base à elaboração de textos, trabalhos manuais cuja confecção abre espaço aos princípios da matemática, visitas coletivas a museus que se transformam em cartazes e livros. O cenário, ideal para despertar nos alunos o gosto pela aprendizagem, ganhou contornos reais na Escola Municipal Aníbal Freire, em Olaria, Zona Norte da cidade. Aproveitando o centenário do vôo do *14-Bis* e as homenagens a Santos Dumont, os professores, a direção e a coordenação pedagógica criaram o projeto Nas Asas da Educação. Em torno do eterno sonho de voar, professores e alunos deram asas à própria imaginação e enriqueceram o dia-a-dia escolar com pesquisas e experimentos. Os resultados foram tão significativos que deram origem a uma feira cultural. Das pipas à viagem do primeiro brasileiro ao espaço, vários assuntos ganharam sabor de aventura, adaptados pelos professores aos conteúdos programáticos de sua disciplina.

Não faltou criatividade. Nutrição, por exemplo, parece ter pouco a ver com o tema, certo? Errado! A professora Elizabeth Barbosa Vasconcellos começou comparando o corpo humano a uma máquina, aproveitando o interesse nos aviões. Daí, partiu para a figura de Santos Dumont, nas suas palavras “um baixinho elegante”. “Comecei falando que ele tinha um peso ideal para a sua altura para falar da alimentação equilibrada”, explica a professora de ciências.

Com a matemática foi a mesma coisa. A princípio, os aviões teriam pouco a ensinar sobre o tema. Mas a professora Rose Anne Lacerda partiu de outros “brinquedos voadores”: as pipas. Com a mão na massa, os alunos visualizaram relações que no quadro-negro pareceriam abstratas. “Uma pipa tem tudo de matemática: paralelismo, simetria, ângulos, proporcionalidade... Se o cabresto estiver meio tortinho, ela não sobe. Tenho que mostrar que a matemática está em tudo o que o aluno faz”, ressalta.

Os dois exemplos deixam claro que o envolvimento dos professores foi a primeira grande conquista da Aníbal Freire. Não só porque cada um fez questão de incorporar sua disciplina ao projeto, mas também porque foi criado um espaço para troca de experiências. Livros, internet, jornais e revistas, visitas a museus e até uma entrevista com o sobrinho-neto de Santos Dumont em uma feira literária mobilizaram alunos e professores, que voltavam para a escola com muitas idéias na cabeça e disposição para pô-las em prática. “Isso aqui é uma família. A professora de ciências me ajuda, eu a ajudo, trocamos material... Às vezes tenho idéias, mas sou um fracasso em trabalhos manuais. Outra professora é ótima nisso. Cada uma faz um pouquinho”, explica Denise Craveiro, professora de português.

Boa acolhida – Contar com a integração dos professores é praticamente uma filosofia na Aníbal Freire. Diretora da escola há 21 anos, Maria Helena Gebrael destaca que os projetos propostos têm tido excelente repercussão, embora Santos Dumont e o sonho de voar tenham despertado especial curiosidade. “A maioria dos professores sempre se engaja. Acho que é porque estamos sempre muito abertos a ouvir o que eles querem. Desde que assumi a direção, nunca decidi nada sozinha. Conversamos muito”, assegura.

O projeto Nas Asas da Educação nasceu de uma destas conversas. A idéia partiu da professora de ciências Regina da Conceição Ferreira Porto, que achou curioso o fato de o primeiro astronauta brasileiro, Marcos Pontes, ter chegado ao espaço no mesmo ano do centenário do vôo do *14-Bis*. “Propus criarmos um projeto para toda a escola, pontuando esses fatos.



Professores e alunos pesquisaram livros, revistas e enciclopédias durante o projeto



O grupo de professores envolvidos no projeto e os alunos Guilherme e Maiara, autores de cartazes e experimentos

Os professores se envolveram e sensibilizaram os alunos com visitas, pesquisas e diversas atividades”, conta Regina. Em suas aulas, eles construíram pipas, criaram cartazes e até concretizaram experimentos diferentes, como o que Maiara Cristine Coelho, de 12 anos, encontrou na internet. “Usei fio de náilon, cartolina, um canudo e um pedaço de cabo de vassoura. A asa de cartolina fica presa no náilon e, com o vento, ela sobe, mostrando o efeito da pressão”, explica a aluna.

A lista de atividades é enorme. Regina, por exemplo, foi até a origem do universo. “Estudamos o Big Bang, o sistema solar, a ida do homem ao espaço... Mais tarde trabalhamos a física do vôo, a pressão do ar. Eles criaram balões e pipas”, conta. Guilherme da Silva Diniz, de 12 anos, produziu a maior pipa da escola, quase de sua própria altura. “Aprendi muita coisa. Outras até já tinha aprendido, mas esquecia”, relata o aluno.

Além disso, os alunos produziram cordéis, cartazes, réplicas do *14-Bis*, de balões e naves espaciais e até um livro. O livro, produção coletiva desenvolvida nas aulas de português da professora Cátia Assunção Pereira, mostra uma sobrinha de Santos Dumont, já bem idosa, que conta a história do tio para os dois netos. Os dois também sonham em voar e acabam se tornando pilotos de aviões. “Começamos só na oralidade, desenvolvendo em conjunto a história. Depois fomos escrevendo no quadro, apagando, refazendo. Eles escolheram o título, fizeram desenhos coloridos e escreveram até um prefácio contando

toda a experiência”, enumera Cátia. Já Verônica Calafate, também professora de português, preferiu investir nos cordéis, porque já vinha trabalhando a cultura popular com os alunos. “Os resultados foram ótimos, eles foram muito criativos e escreveram sobre diversos assuntos, de Santos Dumont a Marcos Pontes”, ressalta Verônica.

Tanta produção acabou incentivando a preparação de uma feira cultural, onde foram expostos os trabalhos. A organização uniu professores e alunos. “Trabalhar com projetos possibilita articular melhor os conteúdos didáticos com a aprendizagem do dia-a-dia. A feira valoriza o trabalho do aluno autor e do professor, que, quando sai do lugar de mero reprodutor do livro didático, vira autor do seu trabalho também”, ressalta Wilma de Oliveira Costa, coordenadora pedagógica.

Além do material produzido, a feira contou com a apresentação de uma peça teatral, desenvolvida nas aulas de história. “É sobre o sonho de voar, parte da história da humanidade. Trabalhamos contação de histórias, fomos para a Grécia antiga, para o sonho de Ícaro, e depois adaptamos um texto”, explica a professora Valéria Cid Carvalho. Ao final de um ano de descobertas, além do conteúdo aprendido uma mensagem ficou gravada nos alunos. “Tudo começou com um sonho”, conclui Guilherme, emendado por Maiara. “Santos Dumont caiu várias vezes, mas não desistiu. Lutar pelo que quero é uma coisa que vou levar comigo para sempre”. ■

Muita história para contar

Prédio do Cassino da Urca foi freqüentado pelos artistas mais famosos da televisão e do cinema

TEXTO Quem passa pelo prédio decadente na Rua João Luís Alves, na Urca, não imagina que um dia ele abrigou um dos lugares mais sofisticados da cidade, freqüentado pelos atores e cantores mais famosos da televisão e do cinema. O Cassino da Urca foi o símbolo de uma era em que os jogos de azar eram legais e o glamour reinava nas noites cariocas. Mais tarde, foi sede da TV Tupi, uma das pioneiras da televisão brasileira, onde surgiram a telenovela e os telejornais.

FABIO ARANHA
FOTO
ALBERTO JACOB FILHO

O prédio, que abrigou um dos cassinos mais famosos da América Latina, primeiramente foi sede do Hotel Balneário, construído para as comemorações do centenário da independência, em 1922. O estabelecimento não vingou e fechou em poucos meses. Após 12 anos, o prédio foi remodelado e reaberto como o Cassi-

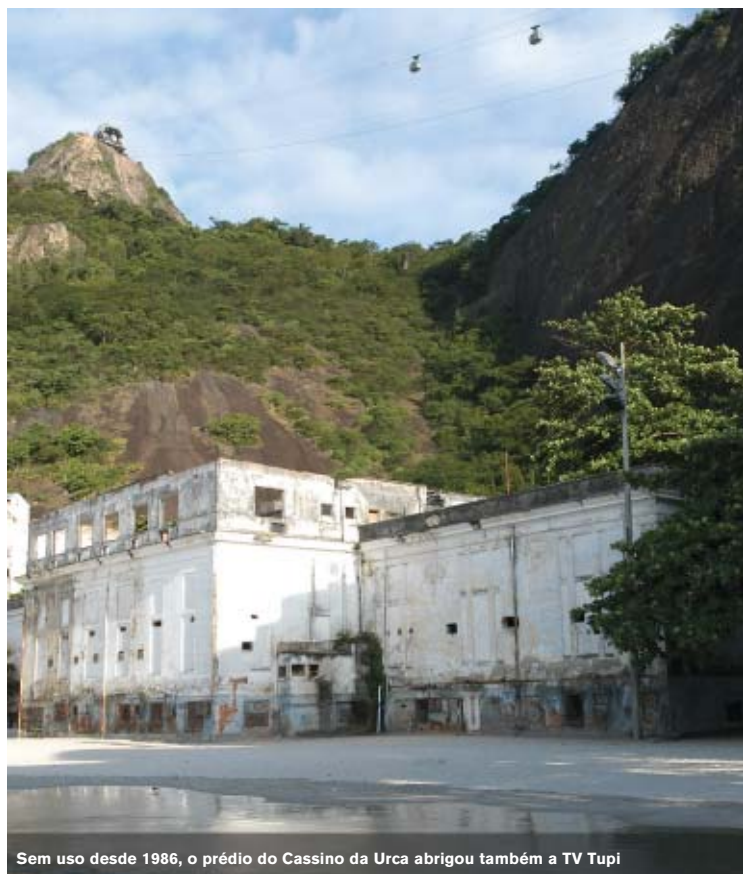
no da Urca em 1934, após a aprovação de lei que permitia o funcionamento de cassinos no país.

O cassino contava com um palco onde se apresentaram artistas como Bing Crosby, Tony Bennett, Edith Piaf, Amália Rodrigues, Carmen Miranda, Emilinha Borba e Grande Otelo. Havia ainda grandes orquestras, como a de Carlos Machado, que teve como *crooner* Dick Farney no início de sua carreira.

Políticos importantes também eram vistos no Cassino da Urca. "O presidente Getúlio Vargas freqüentava os bailes e seu irmão, Benjamim Vargas, era um jogador compulsivo", lembra o historiador Milton Teixeira, acrescentando que os shows eram gratuitos, mas era preciso jogar. Com o fim do Estado Novo, em 1945, Eurico Gaspar Dutra foi eleito presidente. Pouco tempo depois, assinou decreto tornando ilegal a prática de jogos de azar.

Depois de 12 anos fechado, o prédio voltou a ter papel de destaque no cenário da cidade nos anos 1950. Ele abrigou a TV Tupi do Rio de Janeiro, iniciativa do empresário Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados. A Tupi foi a pioneira da televisão brasileira e levou ao ar, em 1951, a primeira telenovela, *Sua vida me pertence*. Além disso, transmitia programas que se tornaram clássicos, como o *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, *O céu é o limite* e *Alô doçura*, e o primeiro telejornal brasileiro, *Repórter Esso*. Ficou no ar até julho de 1980, quando teve que fechar suas portas devido a dívidas não pagas.

Durante a década de 1980, o prédio abrigou um palácio de leilões, mas fechou definitivamente em 1986. Agora, finalmente, o antigo cassino terá um fim digno de sua história. O prédio se transformará na sede do Instituto Europeu de Design (IED) em 2008. Com sede em Milão, na Itália, trata-se de uma das maiores e mais prestigiadas escolas de design, moda e artes visuais do mundo. A prefeitura cedeu o espaço por 50 anos para o IED, que o reformará por inteiro. No total, serão investidos na obra entre R\$ 15 milhões e R\$ 17 milhões. ■



Sem uso desde 1986, o prédio do Cassino da Urca abrigou também a TV Tupi

“Nunca vi forró tão bom...”

Luiz Gonzaga não foi apenas o Rei do Baião: ele inseriu a música nordestina no país e no mundo

ARQUIVO BMG

Em 2007 vai fazer 95 anos que nasceu o cantor, compositor e sanfoneiro Luiz Gonzaga. Ele morreu em 1989, mas, parafraseando o que o poeta Carlos Drummond de Andrade certa vez escreveu sobre Mozart, ele continua vivo porque sua música não morreu. Mais ainda: colocou o ritmo nordestino no mapa-múndi e contribuiu para o Sul Maravilha incorporar definitivamente a música do sertão.

Nascido na cidade de Exu, Pernambuco, em dezembro de 1912, Gonzaga começou a carreira ainda menino, se apresentando em festas da região, tocando zabumba (tambor semelhante ao bumbo) ao lado do pai – esse, sim, “mandando ver” na sanfona de oito baixos. Passou a conhecer o Brasil como corneteiro do Exército Brasileiro, na década de 1930.

Quando se estabeleceu no Rio de Janeiro e comprou uma sanfona, resolveu ir aonde o povo estava: nas ruas, bares e praças. Interpretando ritmos regionais como o baião, o coco e o xaxado, o jovem *Lua* tentou a sorte no rádio, apresentando-se no programa de calouros de Ari Barroso com a composição *Vira e mexe*. Recebeu nota máxima. Percebendo cada vez mais a importância de firmar o traço nordestino, incorporou a indumentária que marcaria a sua imagem: uma roupa de sertanejo que inclui o indefectível chapéu de couro.

Até meados dos anos 1950, o baião era sucesso nacional e internacional (veja o quadro da pág. 47). Em 1967 Gonzaga gravou o LP *Óia eu aqui de novo*, considerado um dos marcos de sua carreira. Jovens talentos de então reverenciaram o sanfoneiro. O compositor Gilberto Gil declarou em entrevista que Luiz Gonzaga era “a primeira grande coisa significativa do ponto-de-vista da cultura de massas no Brasil”. Nessa época, houve um certo alvoroço com a notícia de que os Beatles gravariam *Asa-branca*. Mas tudo não passou de um boato criado pelo radialista Carlos Imperial.

Em 1970 Gonzaga gravou o *long play Sertão 70*, que traz, entre outras composições, *Já vou, mãe*, primeira parceria do sanfoneiro Domin-



A inseparável sanfona e o traje de sertanejo se tornaram marcas registradas de Gonzaga

guinhos (visto por alguns como seu sucessor) e Anastácia. Por essa época, *Lua* utilizou seu talento a serviço de uma causa social. Financiou e participou, nos anos 1970, da *Missã do vaqueiro*, um protesto contundente contra a miséria do seu povo, que sofria com a seca. No fim dos anos 1970, retornou a Exu e iniciou uma cam-

TEXTO

BETE NOGUEIRA

panha em prol da preservação da ave conhecida como asa-branca¹. O esforço rendeu-lhe a criação do Parque Asa-branca. Foi nessa época que suas canções ganharam releituras de artistas como Geraldo Vandré, Caetano Veloso, Gil, Gonzaguinha e Milton Nascimento.

A nova geração também soube apreciar o arrasta-pé, que voltou com força com o surgimento dos forrós para jovens – ainda que a música de Luiz Gonzaga marcasse presença entre um e outro grupo menos tradicional. “Os jovens têm necessidade de absorver essa música, a vitalidade expandida pelo Nordeste. O forró é tão vital quanto o rock ou o frevo. Faz parte do exercício de musicalidade”, explica o pesquisador musical Ricardo Cravo Albin, fundador do Instituto Cultural que leva o seu nome e que reúne uma gama imensa de material de música brasileira.

“Até mesmo a asa-branca bateu asas do sertão...”

Não há como citar Luiz Gonzaga e não lembrar de *Asa-branca*, seu maior sucesso, composto em parceria com Humberto Teixeira, gravado em 1947, e que ganhou depois muitas regravações. Cravo Albin reforça a importân-

cia da dupla de compositores: “Nunca devemos nos esquecer de Humberto Teixeira, principal parceiro de Luiz Gonzaga. Ele fez letras e boa parte da estrutura musical, inclusive de *Asa-branca*, eleita em 1999 pela Academia Brasileira de Letras (ABL) como a segunda das 14 músicas mais marcantes do Brasil no século 20 (a primeira foi *Aquarela do Brasil*, de Ari Barroso). A cena musical foi iluminada com o novo surto da vitalidade rítmica do Nordeste, através do baião, que eles urbanizaram e lançaram no Brasil e no mundo”. Para quem quiser se aprofundar no assunto, o estudioso lista algumas das muitas canções de Teixeira: *Assum preto*, *Juazeiro*, *Légua tirana* e *Paraíba*.

Foi justamente para o amigo Cravo Albin, em 1967 diretor do Museu da Imagem e do Som (MIS), que Luiz Gonzaga concedeu uma entrevista marcante. Entre outras revelações, apresentou publicamente o filho Gonzaguinha.

“Tá é danado de bom, meu cumpadre...”

Desde 2003, a Feira de São Cristóvão funciona dentro do Pavilhão do bairro de mesmo nome. O local, batizado de Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, é justa lembrança ao homem que virou sinônimo de cultura do Nordeste. No Pavilhão, a música típica não pára: há palcos nos dois extremos do lugar e discos tocando pelas ruelas onde se situam restaurantes e lojas. Na entrada, uma estátua do Gonzagão dá as boas-vindas aos turistas e renova o orgulho do povo nordestino. E não é raro alguém dançar ao som de sucessos como *Cintura fina*, *O xote das meninas*, *Paraíba*, *Assum preto* e *Qui nem jiló*.

“É a hora do adeus de Luiz rei do baião...”

Em 1987, Gonzagão começou a sofrer com o câncer na próstata. Internado no Recife, morreu no dia 2 de agosto de 1989. O povo saiu às ruas para dar o seu adeus, até chegar a Exu, onde o corpo do artista foi enterrado ao som de sanfoneiros amigos, como Dominginhos. Foi com *Asa-branca*, entoada por 20 mil vezes, que o músico alçou seu vôo para o eterno. Luiz Gonzaga do Nascimento lançou mais de 50 discos, além de álbuns em que fez duetos com intérpretes como o filho Gonzaguinha e Fagner. ■



Reprodução da capa do CD *Raízes nordestinas*, lançado em 1999 pela EMI

¹ Pomba migratória, encontrada no Nordeste e em outras regiões do Brasil, cujas asas ostentam uma faixa branca visível em vôo.

Título e intertítulos desta matéria reproduzem respectivamente trechos das composições *Forró de cabo a rabo*, *Asa-branca*, *Danado de bom*, *Hora do adeus* e *Baião*.



A estátua do Rei do Baião saúda os visitantes do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, onde funciona desde 2003 a Feira de São Cristóvão

“Eu vou mostrar pra vocês como se dança o baião...”

O baião, uma dança já bem conhecida no interior nordestino desde o século XIX, chegou aos centros urbanos graças à dupla Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. Em 1946 foi gravada a composição *Baião* pelo grupo Quatro Ases e um Curinga: “Eu vou mostrar pra vocês/Como se dança o baião/E quem quiser aprender/É só prestar atenção”. Em seguida, vieram outros sucessos de Gonzagão. Virou uma “coqueluche”, como se dizia na época. Em 1949, o *Diário Carioca* afirmava que “o baião vem fazendo estremecer todo o vasto império do samba, e já agora não se poderá mais negar a influência decisiva desse gênero musical na predileção do povo”.

Marlene, Emilinha Borba, Ivon Curi, Carmem Miranda e Jamelão foram alguns dos artistas que começaram a gravá-lo. Formou-se uma corte na época: a cantora Carmélia Alves foi

aclamada a “Rainha do Baião”, e Gonzaga, o “Rei”; Claudete Soares veio a ser a princesa e Luiz Vieira, o príncipe. A partir de 1950 tornou-se um ritmo internacional, com *Delicado*, de Valdir Azevedo. No exterior chegou a ganhar imitações, como *O baião de Ana*, composto por italianos e interpretado pela atriz Silvana Mangano no filme *Arroz amargo*. Até o início dos anos 1960 foi o gênero musical brasileiro de maior influência no exterior.

Gilberto Gil participou do Festival de Música da Record em 1967 com *Domingo no parque*, de inspiração rítmica do baião. A canção, ao lado de *Alegria alegria*, de Caetano Veloso, foi precursora do movimento tropicalista.

(Fonte: *Dicionário Cravo Albin da música popular brasileira*)

SAIBA MAIS

- Sites:
www.luizluagonzaga.com.br
www.dicionariompb.com.br
- Endereço do Instituto Cultural Cravo Albin: Avenida São Sebastião, 2 – Cobertura – Urca. Para marcar visita com grupo de alunos, é só ligar para 2295-2532 e falar com d. Conceição
- Livro sobre o sanfoneiro: *O melhor de Luiz Gonzaga*, de Roberto M. Moura. Ed. Irmãos Vitale. Na obra, estão a vida artística de Gonzagão e 31 letras de sucesso
- Textos correlatos: NÓS DA ESCOLA, n.3 – seção *Atualidade*: “Farra que vem da África”.
- NÓS DA ESCOLA, n.12 – encarte *Giramundo*: “Música como linguagem”.
- Endereço do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas: Campo de São Cristóvão s/n°. Funciona de terça a quinta, das 10h às 16h. No fim de semana: direto, das 10h de sexta até as 22h de domingo.

Mirante Dois Irmãos

Nos arredores dos Morros Dois Irmãos, há o Mirante Sétimo Céu, que presenteia os visitantes com uma panorâmica das praias de Ipanema, Leblon e São Conrado e ainda o Arpoador e o Cristo Redentor. Também no Alto Leblon, o Parque do Penhasco Dois Irmãos é o programa perfeito para quem quer curtir o pôr-do-sol. Com uma área de 140 metros quadrados, oferece trilhas de terra, quadra de futebol e brinquedos. O parque tem acesso para carros, policiamento e iluminação. Para os mais aventureiros, há uma maneira divertida de chegar até lá, via mirante: é só seguir até o fim da Rua Aperana, onde há uma subida, que sai em uma estrada de terra, que deve ser seguida mantendo-se à direita, até chegar a uma trilha na borda do morro.

Mirante Sétimo Céu

Parque do Penhasco Dois Irmãos – Alto Leblon.

Coisas de bruxo

O encanto do Rio Antigo pode ser vivido em uma tarde, durante visita à exposição do mobiliário e objetos oriundos da casa em que viveu Machado de Assis, o *Bruxo do Cosme Velho*. Localizado no 2º andar do Centro Cultural da Academia Brasileira de Letras, o Espaço que leva o nome do escritor tem ainda instalações para consultas e pesquisas.

Academia Brasileira de Letras

Av. Presidente Wilson, 203 – Castelo
Informações: 3974-2510
De segunda a sexta, de 9 às 12h e de 13h às 18h
www.machadodeassis.org.br

Hora de bailar

Época de férias, hora de relaxar e se divertir. Por que não dançando? A Gafieira Estudantina contempla variados estilos de música para ninguém ficar parado. Ponto de encontro de boêmios, namorados, cantores e compositores, a Estudantina mantém em seus salões regras de bom comportamento que garantem uma noite agradável e segura. Sua

Janelas na muralha

Cada vez mais, profissionais de todas as áreas estendem horizontes culturais e de formação, aprendendo novas línguas ou estudando outras culturas. A abertura chinesa para o mundo vai muito além de acordos comerciais e, quem diria, sua língua oficial (também chamada de mandarim), filosofia e costumes vêm despertando cada vez mais interesse nos brasileiros. Para 2007, que tal seguir a Rota da Seda?

Sociedade Taoísta do Brasil –

Vinculada à Sociedade Taoísta da China, a instituição, instalada na cidade há 15 anos, tem por objetivo difundir o ensinamento do taoísmo ortodoxo em suas formas de expressão – religiosa, filosófica, científica e cultural. Entre os serviços oferecidos, estão: tai chi chuan, meditação, medicina

chinesa, curso de caligrafia, introdução à língua e tradição chinesa, introdução à filosofia taoísta, entre outros.

Centro Cultural China-Brasil Yuan

Aiping – Cursos regulares e de conversação; atividades culturais como exibição de filmes e passeios guiados; venda de livros; serviço de tradução e intercâmbio de estudantes. Rua da Quitanda, 199, sobreloja – Centro
Informações: 2233-3633
www.chinabrasil.com

Associação Cultural Chinesa –

Curso de mandarim e restaurante. Rua Gonçalves Crespo, 450 – Tijuca
Informações: 2293-2653

Casa de Macau – Uma oportunidade de conhecer a mistura entre as culturas chinesa e portuguesa. Rua Gonzaga Bastos, 325 – Vila Isabel



DIVULGAÇÃO/JAN EGIL KIRKEBO

capacidade é de 1.500 pessoas, que às quintas, sextas e sábados aparecem para mostrar seus dons de pés-de-valsa. **Gafieira Estudantina**
Praça Tiradentes, 79 – Centro
Informações: 2232-1149.

Treinamento para museu

O Museu Nacional (MN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) oferece aos professores treinamento para as exposições permanentes da instituição. A idéia é que educadores estejam capacitados a guiar suas turmas, fazendo da visita ao museu uma prática pedagógica eficiente, dinâmica e

agradável. São passadas informações sobre os temas expostos e orientação quanto à forma mais adequada de explorá-los, ampliando o potencial educativo contido no variado acervo do MN, voltado às ciências naturais e à arqueologia. Ao final, o professor recebe material de apoio que poderá ser utilizado durante a visita ou em sala de aula, para enriquecer o aprendizado. O treinamento é realizado em dois horários: de 9h às 12h ou das 13h às 16h. **Museu Nacional/UFRJ**
Quinta da Boa Vista, São Cristóvão
Informações: 2568-8262, ramal 210
<http://acd.ufrj.br/museu>

No fim do século XVII, o poeta francês Charles Perrault ficou famoso por reunir pela primeira vez em livro os seus *Contos da mamãe gansa*, uma coletânea de histórias eternizadas pela tradição oral de seu povo. Hoje Perrault é considerado o Pai da Literatura Infantil e parte de sua obra pode ser apreciada na tradução da escritora Fernanda Lopes de Almeida para a Editora Ática, *Contos de Perrault*, que inclui poemas seus ao fim de cada conto. A reinvenção dessa mesma tradição oral, do tempo em que os bichos falavam, mas em terras brasileiras, está representada no livro *Macacos me mordam!*, do jornalista e escritor gaúcho Ernani Sso. Confira as indicações do mês.

Livros

DIVULGAÇÃO

Contos de Perrault
Charles Perrault, tradução
Fernanda Lopes de Almeida
Editora Ática, 2005

Neste livro, você vai encontrar histórias do poeta, como *O gato de botas* e *O pequeno polegar*, traduzidas pela escritora Fernanda Lopes de Almeida. Totalmente criados por ela, os poemas que encerram cada conto revelam como este clássico, escrito há mais de 300 anos, continua pleno de significado e riqueza nos dias atuais.



Jogos eletrônicos: diversão, poder subjetivação
Cláudio Lúcio Mendes
Editora Papyrus, 2006

O que leva alguém a estar conectado aos jogos eletrônicos? E que efeitos esses jogos têm sobre crianças e jovens? Essas duas questões, que orientaram a construção desse livro, são analisadas com base na noção de governo desenvolvida pelo filósofo Michel Foucault. Elas serviram, entre outras coisas, para entender os jogos eletrônicos como formadores da subjetivação de quem os joga. De um lado, o autor identifica nos *games* qual é o perfil do suposto sujeito-jogador. De outro, da perspectiva do jogador (também responsável por sua autoconstituição), investiga como este se constitui como sujeito.

Educação física: cultura e sociedade
Ademir de Marco (org.)
Editora Papyrus, 2006

Este livro reúne os principais temas das pesquisas apresentadas e dos debates realizados durante o 4º Congresso Científico Latino-Americano de Educação Física, ampliando o alcance e a repercussão das novas propostas, das idéias e dos resultados divulgados. Os nove capítulos compõem um panorama que abrange as diferentes áreas de atuação: educação física, pedagogia do movimento, treinamento desportivo, lazer, corporeidade e motricidade humana, meio ambiente, *performance* humana e saúde, desenvolvimento humano, formação e prática e também diversidade humana.

Macacos me mordam!
Ernani Sso
Editora Companhia das Letrinhas, 2006

O macaco matuto tem manha, é astuto e nunca apanha da onça. Faz um drama fajuto, finge que está defunto e ganha tudo na sonsa. E a pobre da onça-pintada toda vez é enganada, só leva paulada, vive desarvorada. Nossa personagem onça se julga muito mais forte e poderosa que a maioria dos animais. E é mesmo. Mas ela não contava com a astúcia e a inteligência do macaco, que sempre consegue dar à pintada uma pitada do seu próprio veneno sem muito esforço. Em *Macacos me mordam!*, seis deliciosos "causos" retratam situações cotidianas vividas por personagens que são delicadas caricaturas de nós mesmos.

canal	horário	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
BandRio	14h-14h30	Crônicas da minha escola Série sobre Educação Acervo MULTIRIO Tons e sons	Br@nché (Língua Francesa) Gerúndio e Cacófato Tempo e clima	Nós da Escola Temas: Teatro na escola e Criança na mídia, entre outros.	Encontros com a Mídia Convidados: Leila Blanco e José Eduardo Romão, entre outros.	Viajantes da História Série que faz um passeio pela História.	9h-9h30 Programação especial de fim de ano	Programação especial de fim de ano
	14h30-15h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	9h30-10h	
Net - canal 14	7h30-8h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Documentário especial Já não é sem tempo (dia 10) Papagaios amarelos (17) A civilização do cacau (24) Brasil em movimento – Guerra civil (31)
	8h-8h30	Séries e documentários O mundo secreto dos jardins	Cara de Criança Meu pequeno planeta Lucas e Lucinda Museu mutante	Séries e documentários Arte e Matemática É tempo de diversão	Séries e documentários Mesa brasileira Viajantes da História	Cantos do Rio MPB	Cara de Criança Meu pequeno planeta Lucas e Lucinda Museu mutante	
	8h30-9h	Aqui no meu país É tempo de diversão	Épicos animados Contos de Wilde	As religiões do mundo		Encontros com a Mídia Convidados: Leila Blanco e José Eduardo Romão, entre outros.	Épicos animados Contos de Wilde	Atletas do Rio Gerúndio e Cacófato Memórias cariocas Aventuras cariocas
	9h-9h30	As religiões do mundo	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Abrindo o Verbo Temas: Informática e Turismo, entre outros.	Nós da Escola Temas: Teatro na escola e Criança na mídia, entre outros.	Crônicas da minha escola Série sobre Educação	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Abrindo o Verbo Temas: Informática e Turismo, entre outros.
	9h30-10h	Documentário especial Já não é sem tempo (dia 4) Papagaios amarelos (11) A civilização do cacau (18) Brasil em movimento – Guerra civil (25)	Noah e Saskia Série australiana	Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais	Arte e Matemática Série que relaciona as duas áreas	Viajantes da História Série que faz um passeio pela História.	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Nós da Escola Temas: Teatro na escola e Criança na mídia, entre outros.
	10h-10h30		Noah e Saskia Série australiana	Atletas do Rio Gerúndio e Cacófato Memórias cariocas Aventuras cariocas	Cantos do Rio MPB	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	Noah e Saskia Série australiana	Cantos do Rio MPB
	10h30-11h	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Programação especial de fim de ano
11h-11h30	Videoteca Tempo e clima	Videoteca Tempo e clima	Videoteca Tempo e clima	Videoteca Tempo e clima	Videoteca Tempo e clima	Videoteca Tempo e clima		
Net Educação	12h-12h30	Reflets - Curso de Francês Gerúndio e Cacófato	Reflets - Curso de Francês As formas do invisível	Reflets - Curso de Francês Gerúndio e Cacófato	Reflets - Curso de Francês As formas do invisível	Br@nché (Língua Francesa) Gerúndio e Cacófato	Assista a nossa programação também na TV Alerj (canal 12 da Net), de segunda a sexta-feira, das 8h às 10h e das 21h às 22h, e aos sábados e domingos, das 20h às 22h.	
	12h30-13h	Arte e Matemática Série que relaciona as duas áreas	Mesa brasileira Série sobre cultura e hábitos alimentares	Viajantes da História Série que faz um passeio pela História	Documentário especial Já não é sem tempo (dia 7) Papagaios amarelos (14) A civilização do cacau (21) Brasil em movimento – Guerra civil (28)	Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais		
	13h-13h30	Encontros com a Mídia Convidados: Leila Blanco e José Eduardo Romão, entre outros.	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	Crônicas da minha escola Série sobre Educação		Nós da Escola Temas: Teatro na escola e Criança na mídia, entre outros.		
	13h30-14h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados		

CONHEÇA E DIVULGUE OS NOSSOS PROGRAMAS

ATENDIMENTO ÀS COMUNIDADES

É o núcleo do trabalho da Obra Social, o programa que busca atender às solicitações das comunidades. Em 2006 registrou um aumento de mais 100 áreas. Atualmente atende a 400 comunidades.



COZINHEIRAS COMUNITARIAS

Instala cozinhas e refeitórios nas comunidades, para servir café da manhã e almoço por apenas R\$ 0,50. As 23 unidades do programa já serviram até hoje 2.744.784 refeições.



CASAS DE CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL

Proporciona, gratuitamente, cursos profissionalizantes rápidos e úteis para pessoas a partir de 16 anos. Desde a criação do Programa, em abril de 2001, foram certificados 26.898 alunos.



CASAS DE CONVIVÊNCIA E LAZER PARA IDOSOS

Atividades sistemáticas de cultura, saúde e lazer, que buscam melhorar a saúde física e mental dos cariocas acima de 60 anos. De 2002 até hoje, já foram realizados mais de 306.263 atendimentos nas 4 Casas existentes hoje.



CRECHES SEMPRE VIDA

Apoio a creches da Prefeitura, através de voluntárias que colaboram com palestras, datas especiais e outras atividades, beneficiando 2.120 crianças de três meses a quatro anos de idade.



CRIANÇAS E JOVENS

Atividades artísticas, literárias, musicais e físicas para crianças entre 7 e 17 anos, além de promoção de leitura na biblioteca, com contadores de histórias. Desde a criação do programa, 13.578 alunos frequentaram as oficinas, todas gratuitas.



RIO DE ALEGRIAS

Leva às comunidades espetáculos de teatro, animadores culturais, palhaços e contadores de histórias. Até setembro o programa percorreu 90 comunidades divertindo um público de 8.828 pessoas.



Obra Social
QUALIDADE DE VIDA É OBRA NOSSA

RIO DE JANEIRO **PREFEITURA**
ASSISTÊNCIA SOCIAL

Mais informações pelo Tel.: (21) 2503-4591 ou no site:
www.obrasocial-rj.org.br



NÓS DA ESCOLA

No próximo número:

Narrativas

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO

central de atendimento: (XX21)2528 8282 • ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br